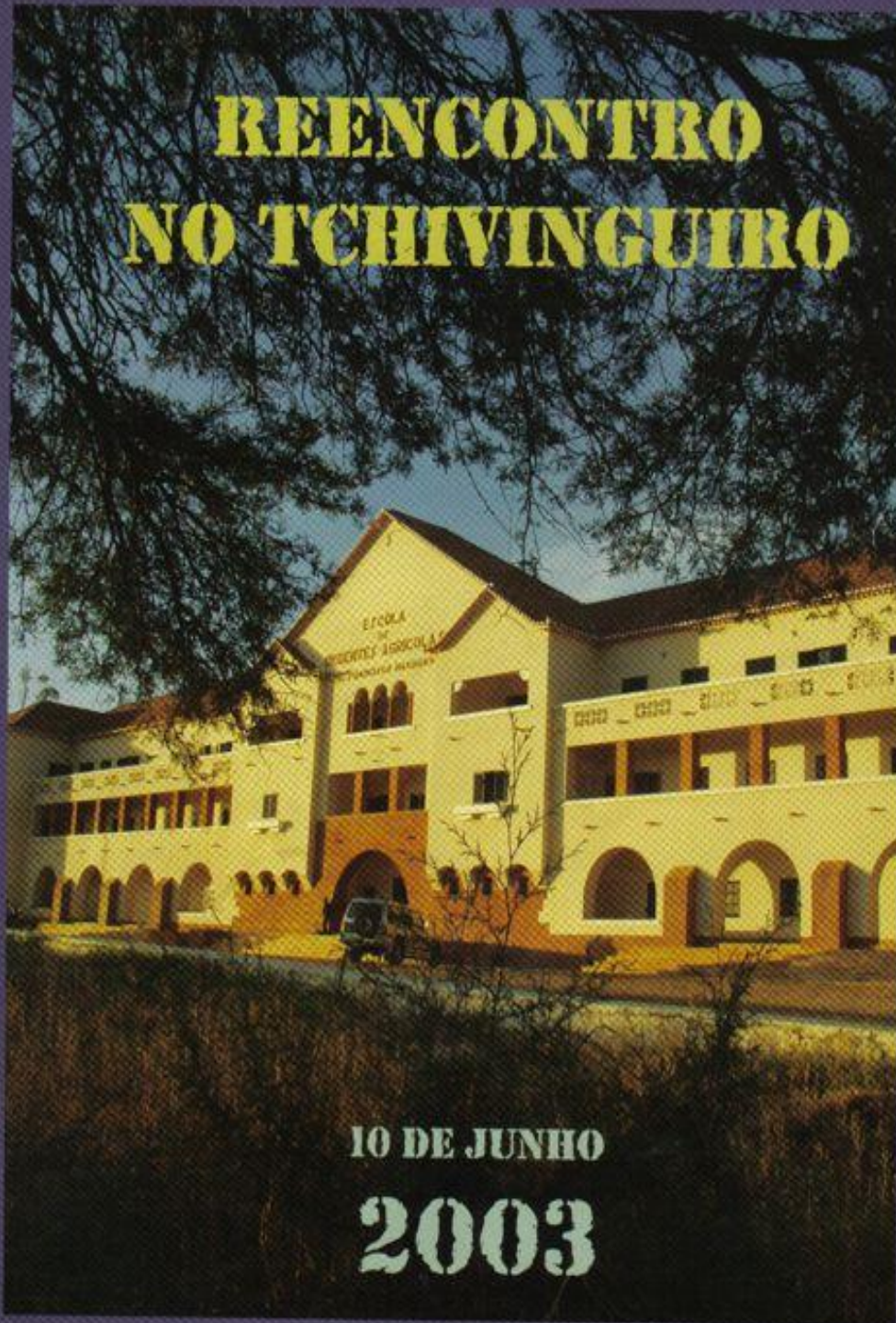
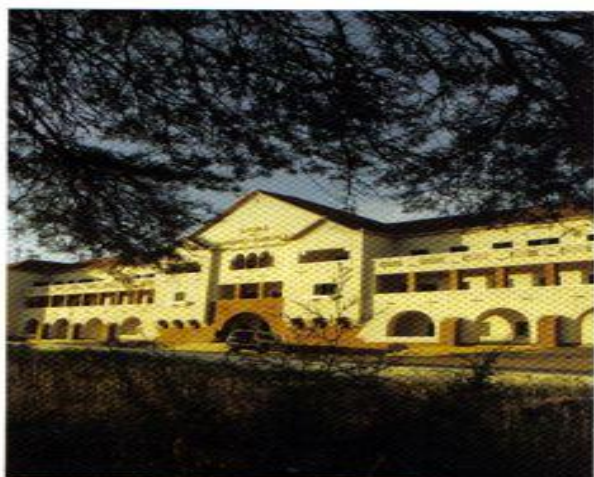


Rui Galhanas

# REENCONTRO NO TCHIVINGUIRO



10 DE JUNHO  
2003



## Reencontro no Tchivinguero

10 de Junho  
2003

### Agradecimento

O projecto inicial desta edição - caracterizado por elevada qualidade gráfica, maior tiragem e inclusão de textos como a história da nossa Escola e a listagem dos alunos matriculados, entre outros - ficou reduzido, por questões financeiras, à matéria relacionada com a viagem.

Mesmo assim, o presente trabalho não teria sido possível sem o inestimável patrocínio do General Serra Van Dúnem e do colega Gilberto Lutucuta.

Foi uma atitude de elevada solidariedade se considerarmos todo o apoio que, individualmente, prestaram à concretização do "Reencontro no Tchivinguero - 2003".

Há gestos que não se podem esquecer.  
Aqui fica o reconhecimento público.

O autor

### Ficha Técnica

Autor: Rui Galhanas

Fotos: Rui Galhanas, "Ruano" Conceição Rodrigues e Saraiva Roso  
Lisboa, Maio 2004



Prezados Amigos:

Foi para mim uma honra, enquanto Embaixador em Portugal, ter sido convidado a conhecer de perto a vossa Associação, precisamente numa época que vos é muito querida: a celebração anual do Dia do Regente Agrícola. Aceitei de imediato - apesar da minha agenda para essa data estar preenchida com o Dia de África - porque eu estava com muita curiosidade em vos conhecer, pessoalmente e em grupo. A forma fraterna, honrosa e entusiástica como fui recebido por todos vós, nesse almoço, veio confirmar o que o meu irmão mais novo, o vosso colega Nado, me contava sobre a Escola do Tchivinguiro e os momentos inesquecíveis que aí viveu enquanto aluno.

Fiquei muito sensibilizado pelo vosso espírito de união e camaradagem e pelo convite que me fizeram para presidir a Comissão de Honra da organização do Reencontro no Tchivinguiro - 2003. Senti tanto entusiasmo da vossa parte que me obriguei a encetar todos os contactos possíveis no sentido de se criarem as melhores condições para a realização desta viagem.

Um ano mais tarde, já no desempenho das minhas actuais funções, foi com muito prazer que recebi a comitiva da Associação dos Amigos do Tchivinguiro. Espero que o apoio que me foi possível prestar tenha agradado a todos.

De toda esta experiência tirei duas conclusões muito interessantes:

Por um lado, a fidelidade do vosso amor à nossa querida Angola, manifestado depois de terem percorrido livremente as regiões que quiseram e apreciado o verdadeiro estado em que se encontra o interior do nosso país. Depois desse vosso exame, no nosso último encontro antes de regressarem a Portugal, uns pediram-me informações sobre a actualização da nacionalidade e outros sobre as formalidades para se adquirir a cidadania.

Por outro lado, a vontade declarada de colocar os vossos elevados conhecimentos técnicos e a vossa larga experiência profissional ao serviço do desenvolvimento do país e das suas populações. Angola reconhece e agradece a disponibilidade de todos.

O meu abraço fraterno aos Antigos Alunos do Tchivinguiro e o meu muito obrigado aos participantes do Reencontro do Tchivinguiro.

Até sempre.



Gen. Osvaldo Serra Van Dúnem  
Ministro do Interior

Prezados Colegas:

Foi com muita satisfação e orgulho que participei neste primeiro Reencontro no Tchivinguiro, realizado nas instalações da nossa saudosa Escola, que permitiu a confraternização, cerca de trinta anos depois, de antigos alunos e de amigos espalhados por várias partes do mundo.

Neste Dia do Regente Agrícola vivemos uma jornada inesquecível. Para muitos este reencontro era um sonho dificilmente concretizável. Felizmente, foi possível



Eng. Gilberto Buta Lutucuta  
Ministro da Agricultura

conjugar todas as boas vontades para que do sonho se passasse à realidade. O almoço realizado no lago, um local carismático para as nossas tradições estudantis e dos mais bonitos da Escola, foi aberto a todos à boa maneira tchivinguirista. Foi muito emotivo recordar os nossos bons velhos tempos.

Muito dos participantes elogiaram a forma como as instalações da nossa Escola se encontram preservadas e que, apesar de algumas lacunas no seu reapetrechamento, já está em pleno funcionamento e a formar técnicos médios em agropecuária. Muita falta fazem à implementação do desenvolvimento sócio-económico do mundo rural angolano. No entanto, e por razões sobejamente conhecidas, Angola tem neste momento visíveis carências em tecnicidade e, apesar de muitos esforços, não possui ainda um conjunto de técnicos de campo que possam aplicar os seus conhecimentos para o desenvolvimento económico do país e, em particular, para a criação do bem-estar social no meio rural.

Angola precisa de Homens capazes, no conhecimento e na aplicação das melhores técnicas. As propostas que a delegação da vossa Associação nos apresentou, depois das comemorações, referentes ao estudo para desenvolvimento de parcerias em diversas áreas sócio-económicas, despertaram o nosso interesse. Este tipo de iniciativas são sempre bem vindas. Espero que não tardem em ganhar corpo e a atingir, no terreno, a dimensão e os resultados mais eficazes. Agradecemos a disponibilidade de todos os que se ofereceram e se predispõem a avançar rapidamente.

O meu abraço fraterno a todos Colegas e Amigos, antigos alunos do Tchivinguiro.

Bem hajam.

## INTRODUÇÃO

**A** razão do lançamento deste trabalho baseia-se na viagem a Angola realizada por um grupo de 28 elementos da Associação do Amigos do Tchivinguiro - Charrua, entre 5 e 13 de Junho de 2003. Uma viagem que, sem pretensões, poderá ser classificada como pioneira por ter sido a primeira em estilo de excursão.

O principal objectivo desta viagem, e seu conteúdo oficial, foi a comemoração do Dia do Regente Agrícola da maneira mais clássica possível: no dia 10 de Junho e nas instalações da saudosa Escola Dr. Francisco Vieira Machado, no longínquo Tchivinguiro. Pelo meio outros objectivos iriam ser realizados segundo os interesses pessoais de cada excursionista. A esmagadora maioria nunca mais tinha regressado àquelas terras desde a época da pré-independência.

Fazer uma reportagem sobre o percurso realizado e os acontecimentos mais marcantes não seria uma tarefa difícil se me limitasse a contar a minha versão dos factos. Não foi essa a intenção. O que pretendi fazer foi um diário de bordo colectivo, o mais consensual e isento possível, abrangendo os acontecimentos comuns mais importantes. Como é fácil de calcular, seria ingénuo esperar que os calejados charruas, a jogar em casa, se mantivessem juntos por muito tempo como se alguma vez tivéssemos sido meninos de coro. E, como soe dizer-se, cada cabeça sua sentença, ou seja, é natural que existam tantas opiniões sobre o que se viu e o que se viveu quantas as pessoas que constituíram o grupo. Cada um puxou para o seu lado assim que se pisou solo angolano, o que foi muito saudável e enriquecedor. Riqueza que pretendi passar para este trabalho pedindo aos excursionistas textos sobre os temas que mais os marcaram nesta viagem.

Que esta edição seja um incentivo para uma maior participação na próxima viagem e para a realização de um trabalho mais aprofundado sobre a história da nossa Escola.

Lisboa, 20 de Maio de 2004

**Rui Galhanas**

## QUINTA-FEIRA, 5 DE JUNHO

**R**einava a euforia entre os 28 elementos que compunham a comitiva prestes a embarcar rumo a Luanda. Na área para se fazer o check-in, nas renovadas instalações do aeroporto da Portela, a expectativa era grande. Estava-se a um passo de voltar a pisar terras de Angola e a percorrer os espaços da velha Escola. Sonhos antigos prestes a tornarem-se realidade.

Contudo sentia-se no ar um certo nervoso miudinho.

Cada excursionista tinha a sua opinião formada sobre Angola, misturando experiências próprias do antigamente com outras informações proveniente das mais diversas fontes. O verdadeiro nível de desenvolvimento positivo da situação política, económica e social angolana - especialmente em relação aos acontecimentos mais marcantes dos últimos tempos - só no terreno poderia ser comprovado. Ainda que até ao último momento se recolhessem informações junto das fontes consideradas mais fidedignas, nem que fosse por pressão da família ou dos amigos, prevalecia uma certa dose de incerteza, a suficiente para se tornar desconfortável.

Como espadas de Dâmoçles, as notícias mais díspares e as mais virulentas, ouvidas e comentadas ao longo de anos a fio, emergiam do subconsciente para reavivar dúvidas pertinentes. Os fantasmas do passado e algumas notícias mais polémicas ou sensacionalistas continuavam a fazer estragos aqui e ali. De tudo o que se diz e desdiz onde é que estaria a verdade?

Nem todos estavam muito seguros do que os esperava.

Para resolverem estes efeitos provocados pela luta entre informação e contra-informação, os excursionistas optaram por se refugiar no velho argumento do "todos ao molho e fé em Deus". Os três ou quatro elementos que tinham visitado o país em anos recentes iam prestando os esclarecimentos possíveis baseados, unicamente, nas suas experiências individuais. E quem quisesse acreditar que acreditasse. Ainda havia hipótese de se voltar atrás

Um dos perigos latentes mais discutidos entre os excursionistas, qual ameaça inevitável, era o elevado índice de criminalidade urbana existente em Luanda. Pelo menos da fama a capital não escapava. As estórias que se tinham ouvido, as que tinham sido notícia e as que se deduziam povoavam o imaginário colectivo, atemorizantes, quase infantis.

Em relação a Angola existe um pequeno pormenor de grande importância, enraizado entre os que se sentem ligados àquela terra e mesmo entre os que lá vivem, neste caso devido ao contacto directo e muito prolongado com a guerra: é comum sentir-se na pele o desespero da espera por melhores dias. As horas parecem dias, as semanas parecem meses. Em consequência as pessoas querem soluções rápidas, milagrosas quase, de efeito radical e perene. Quer-se tudo resolvido e para já. O mínimo desrespeito pelas leis ganha proporções despropositadas e espalha

um tipo de insegurança fatal como o destino. No entanto, se considerarmos que a população de Luanda está estimada em mais de 4 milhões de habitantes, vivendo a esmagadora maioria nas condições sócio-económicas que se conhecem, o índice de criminalidade, pelos números frios das estatísticas, até é bastante baixo comparado com o de outras metrópoles, inclusive com o de Lisboa. Basta consultar a imprensa angolana, mesmo a sensacionalista, para se ter noção exacta da percentagem dos crimes mais graves, incluindo os de sangue, e a sua frequência. Por simpatia, a imagem distorcida que se tem desta capital estende-se ao resto do país, definição perfeitamente injusta e injustificada só compreensível porque Angola sempre foi uma terra de paixões e continua a não deixar ninguém indiferente.

Como panaceia para os temores mais intrincados de cada um ia servindo o facto de o actual ministro angolano do Interior, Osvaldo Serra Van Dúnem, ser presidente honorário deste acontecimento, cargo que aceitara quando ainda desempenhava as funções de embaixador em Portugal. Todos se lembravam da sua alocução em Lisboa, na qualidade de convidado de honra do almoço de confraternização de 2002, onde traçou um perfil convincente da nova realidade angolana.

A maior parte do pessoal já não ia a Angola desde os tempos da ponte aérea de 1975. A emoção do regresso às origens estava na cara. Era denunciada nos mais pequenos gestos. Exsudava por todos os poros.

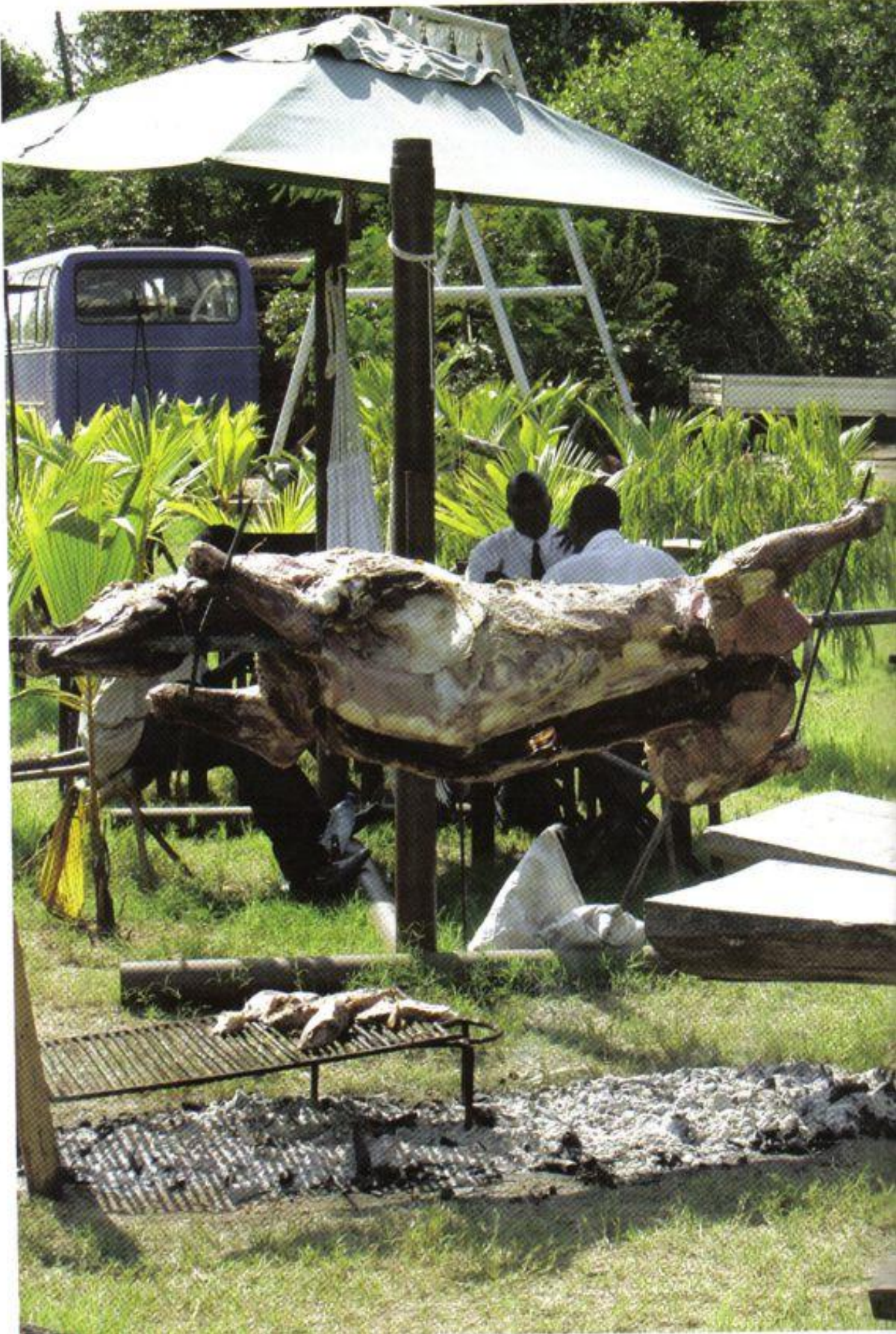
Este grupo tinha uma constituição típica do Tchivinguiro: diversa e com as idades da diferença mas com laços de união muito fortes. Foi assinalável a presença de três Amigos que pela primeira vez viajavam para Angola, de dois casais e de dois pares de pai e filho.

O Saraiva Roso, coordenador esforçado e atribulado da organização em Lisboa, foi o último a chegar ao aeroporto, na maior das calmas, convencido que a hora do voo era uma hora mais tarde. Deixou todo o mundo pendurado e ansioso: era ele quem tinha os passaportes com os respectivos vistos consulares e os bilhetes de passagem. Os protestos consequentes, no mais puro estilo tchivinguirista, demonstraram que o pessoal estava pronto para o que desse e viesse.

Pontualmente, às 21H45 o Jumbo da companhia aérea angolana, faz-se à pista.

Quando surgiu a autorização para desapertar os cintos de segurança o pessoal reagrupou-se para continuar a conversar e a beber, congestionando os corredores de circulação e os pedidos de bebida. Para alguns a vigília durou as sete horas de voo. Uma directa para começar, para admiração do pessoal de bordo que, muito profissionalmente, tentava garantir silêncio aos passageiros mais próximos e fornecer bebidas àqueles mais velhos que falavam bué de estórias começadas por lembraste. Ainda hoje a tripulação comenta a capacidade de resistência ao sono e à bebida demonstrada por aquele grupo de meia idade com comportamentos adolescentes.

**PRIMEIRO DIA**





## SEXTA-FEIRA, 6 DE JUNHO

**A**inda era noite quando o avião se fez à pista do Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro. Todos os excursionistas estavam bem despertados, com as caras coladas aos vidros das janelas, devorando com minúcia a paisagem e tentando reconhecer locais ou registar diferenças. Poucos o conseguiram, mesmo com ajuda. À saída do aparelho, a confirmação que realmente se estava em Luanda veio do bafo húmido do clima, ainda que o cacimbo já se fizesse sentir.

O esquema de recepção começou por se revelar eficaz, evitando as longas e demoradas filas do controlo de passaportes. Um verdadeiro tratamento vip que deixava adivinhar orientações directas e precisas do nosso patrono, o general Serra Van Dúnem, ministro do Interior. O Xico Faísca, principal responsável pela organização da viagem em Angola, desdobrava-se em cumprimentos ao pessoal, informações sobre o programa estabelecido e orientações sobre os passos a dar. Apanhar as bagagens é que já foi um pouco mais demorado mas perfeitamente justificado por duas razões de peso: por um lado, o enorme Jumbo em que tínhamos viajado estava completamente cheio e, por outro lado, os angolanos têm uma característica muito típica quando regressam de viagem: vão literalmente de malas aviadas, transportando sempre o máximo de carga que conseguirem. Os tapetes rolantes estavam sobrecarregados com malas e sacos de todo os tipos e tamanhos e caixas de cartão para todos os formatos. Depois desse compasso de espera, aliviado pela reposição dos níveis de nicotina entre os viciados, passar a alfândega foi um ápice. A única coisa transportada em quantidade exagerada era saudade.

No exterior esperavam ansiosamente muitos dos antigos colegas. Ainda que o dia mal começasse a amanhecer, a comitiva era aguardada como uma verdadeira recepção à angolana, com arcas frigoríficas cheias de cerveja, bem geladinha, para admiração dos restantes passageiros e do público em geral. O ambiente era de muitos abraços, surpresas e alegria. Havia quem já não se visse desde os tempos da Escola. As conversas? As do costume nestas ocasiões: está mais velho, estás mais gordo, estás careca, estás na mesma.

Distribuído o pessoal pelos autocarros cedidos pelo Ministério do Interior e pelos jipes e carrinhas dos colegas, a caravana pôs-se em marcha para um passeio através da capital, rumo à emblemática Ilha de Luanda, onde se iria tomar um merecido pequeno-almoço depois de tantas horas de "comemorações". Se, para alguns, era a oportunidade de rever a sua cidade, de sentir as diferenças do dia-a-dia luandense, para outros era o início da descoberta deste novo cenário urbano. Foi inevitável a comparação entre o que se tinha ouvido dizer sobre o ambiente da cidade - as sequelas das guerras e guerrilhas urbanas, a miséria social e a criminalidade - e o que agora se observava.

De uma maneira geral o impacto foi positivo. Sentiu-se que a cidade tinha uma personalidade diferente dos tempos antigos. Agora, ainda que se apresente superpovoada e com um trânsito demasiado intenso para a dimensão das artérias, não tem nada a ver com as informações que habitualmente se divulgam. A vida corria normal como em qualquer outra grande metrópole.

Percorreu-se a sempre bela e movimentada Avenida Marginal no sentido do porto comercial, deu para apreciar o novo arranjo paisagístico do largo fronteiro à clássica fachada do Porto de Luanda e, depois, ao longo da Boavista, atafalhada de camiões e contentores, seguiu-se rumo ao Cacuaco e a Quifangondo. Agora pouco se apreciava da paisagem. O pessoal tinha muita conversa para por em dia. Sempre em andamento, a comitiva atravessou a zona industrial e agrícola de Viana, a cidade satélite de Luanda, dirigindo-se depois, através do imenso Bairro do Rocha Pinto, para as Praias dos Quilómetros. O destino era a barra do rio Cuanza onde iria decorrer o almoço de boas vindas, oferecido pelo Xico Faísca na sua Fazenda dos Mangais, um complexo turístico de elevada qualidade implantado numa zona de extraordinária beleza.

Toda a estrutura estava preparada para receber a comitiva que foi chegando à vez, com as mesas arranjadas na larga varanda que contorna o edifício do restaurante para o lado do rio. Enquanto o vitelo acabava de ser assado o pessoal lançou-se nos aperitivos para aliviar o calor húmido já entranhado. O ambiente estava bastante animado e concorrido, até porque apareceram ainda mais colegas que não tinham ido ao aeroporto, entre os quais o Traguedo e o Tavira, oficiais gerais da Força Aérea e responsáveis pelo nosso transporte aéreo para o Lubango e regresso.

Serra Van Dúnem, presidente honorário do “Reencontro no Tchivinguiro – 2003”, teve a amabilidade de ir apresentar as boas-vindas, aproveitando para se informar, directamente, se tudo estava a correr como previsto. Pelo lado dele, sim; pelo nosso continuávamos a desenvolver com êxito a estratégia do desenrasca.

Esta excelente recepção nos Mangais serviu muito especialmente para o pessoal assentar bem os pés em terra, para interiorizar que já estava em Angola e para recuperar forças físicas e anímicas. Afinal era a primeira refeição digna desse título – e que repasto foi! – desde a saída de Lisboa.

O convívio arrastou-se pela tarde até chegar a hora de ir apanhar o avião, colocado ao nosso serviço. Como ninguém estava interessado em chegar de noite à capital da Huila, arrumaram-se rapidamente bagagens e passageiros nas viaturas e a coluna fez-se à estrada rumo à base aérea militar de Cabo Ledo.

Depois de se atravessar a nova ponte do Cuanza, já com cabines para cobrança de portagem, entrou-se no Parque Nacional da Quissama. Não se avistou qualquer espécie de vida selvagem. Os caçadores furtivos – “e não só eles!”, comenta-se nos círculos mais atentos à protecção da vida animal e flora – fizeram razias entre a fauna protegida. O repovoamento das espécies em vias de extinção nesta zona está a ser efectuada através de parcerias assinadas com o governo sul-africano, um especialista nesta matéria. Para evitar a continuação desta prática criminosa que teima em continuar, as autoridades angolanas criaram grupos armados de agentes florestais para protecção da fauna e captura dos infractores.

Na base aérea estava tudo a posto à nossa espera. Um outro aero-cargueiro havia já seguido para o Lubango com pessoal e viaturas. Fomos rapidamente encaminhados para a pista onde nos esperava um enorme quadrimotor russo de carga, o Illyushin-75. As quatro viaturas em que seguíamos perfilaram-se na porta de carga traseira, onde estavam colocadas as rampas de acesso. Dada a ordem de embarque, os respectivos condutores e proprietários fizeram questão de introduzir

as suas viaturas no bojo do monstro, rejeitando a ajuda da tripulação experiente. Não é tarefa fácil já que o avião é muito alto e as rampas ficam muito íngremes. Mas conseguiu-se a proeza e ficou provada a perícia dos condutores. Mesmo depois do lauto almoço.

Como é óbvio, neste tipo de cargueiros concebidos para o transporte de quatro blindados dos pesados, a nossa carga não representava qualquer problema. Muito pelo contrário. A maka estava na segurança dos passageiros. Habitados às severas recomendações das companhias aéreas quanto ao uso dos cintos de segurança, obrigatórios até quando se atravessam períodos de turbulência, os passageiros maçaricos procuravam disfarçadamente o local mais seguro para se instalarem. Houve quem optasse pelos assentos das viaturas, por comodidade ou receio, mas a maioria preferiu pendurar-se em tudo o que era saliência nas paredes do avião. O que era tão raro como as exíguas janelas redondas.

Vamos para a aventura. No pasa nada, hombre!

Estoicamente o pessoal enfrentou a breve corrida na pista e foi sossegando enquanto o avião, com segurança, foi ganhando altura. Só um pequeno senão quando, já em velocidade cruzeiro, alguém informou que, poucas semanas antes, tinha acontecido uma tragédia num avião semelhante: em pleno voo, inexplicavelmente, abriu-se escotilha por onde entráramos e os passageiros foram sugados para o espaço. Mas vale mais ter pensamentos positivos e passado pouco tempo já circulavam as inevitáveis cervejas geladinhas, devidamente arquivadas nas providenciais caixas frigoríficas.

Foi uma viagem rápida. Cerca de uma hora depois o avião fazia-se à pista do aeroporto do Lubango e o pessoal voltou a agarrar-se às estruturas do aparelho e às viaturas que não paravam de abanar.

A tarde caía. Ao pisarmos terra firme houve quem beijasse a pista. Resta a dúvida se foi por saudade ou por ter chegado inteiro. Nova calorosa recepção aguardava a comitiva. Colegas e amigos radicados na Huila e outros que tinham vindo em voo anteriores.

- Onde é ficamos instalados?

No complexo residencial do PNUD, localizado na descida da entrada da cidade para quem vai do aeroporto. O preço era irrisório - 6 euros a noite single, mata-bicho e bebidas à parte. É um conjunto de pavilhões pré-fabricados tipo campanha, projectado para técnicos temporários das Nações Unidas. Limpo e funcional. Tínhamos reserva para cinco dias já que, por razões complicadamente simples, o alojamento na Escola não tinha sido possível. Não ficávamos no Tchivinguiro, ficávamos numa espécie de pensão no Lubango. Este pequeno imprevisto alterou radicalmente, à partida, a nossa relação com a Escola e sua área envolvente já que a nossa base passaria a ficar na cidade.

O pessoal foi-se espalhando pelos alojamentos mais adaptados a cada condição - quartos de casal, duplos e singles - para largar as imbambas e prepara-se para a primeira volta pela cidade. Quanto ao jantar logo se veria. Como está o restaurante Roda? Ainda existe? E o Campino?

O passeio nocturno não satisfaz grandes curiosidades porque a iluminação pública é muito deficiente e a que sai das casas comerciais e bares não dá vida suficiente à cidade. À primeira impressão é até um tanto soturna, ou então o pessoal é que está mal habituado.

O jantar acabou por ser no Gimbrinho, restaurante completamente desconhecido, pelo menos entre os visitantes, ou seja, ainda por baptizar pela malta do Tchivinguiro. Segundo as informações que foram distribuídas para a sua localização era tudo fácil, especialmente para os velhos batidões de Sá da Bandeira

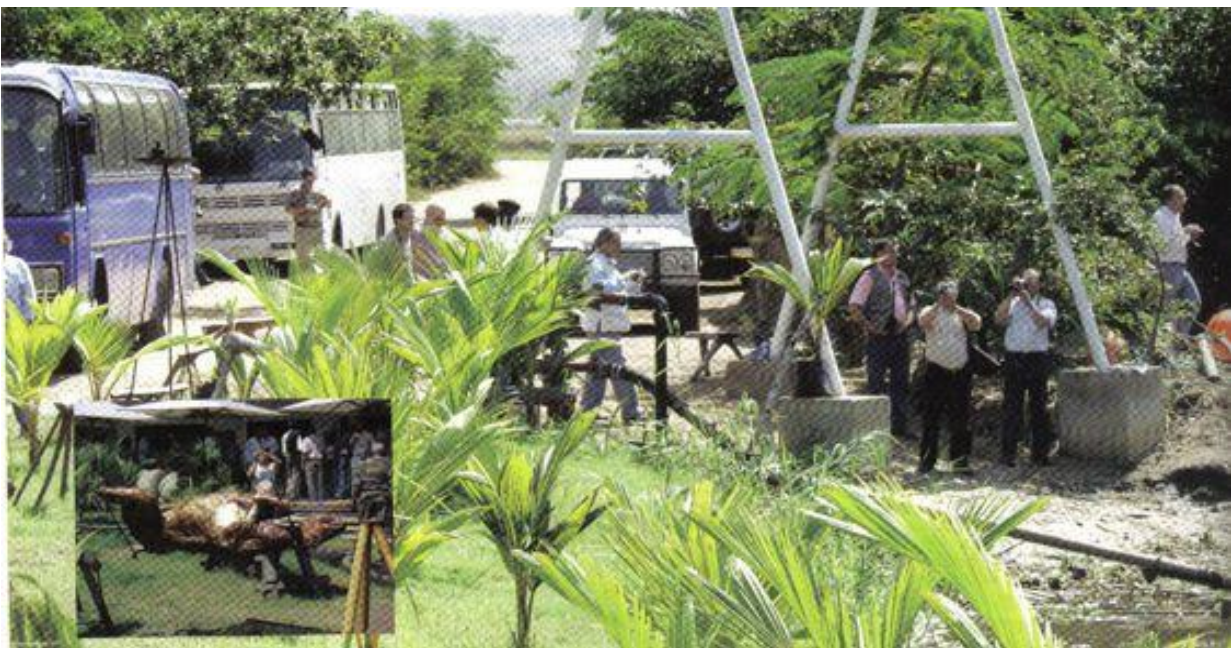
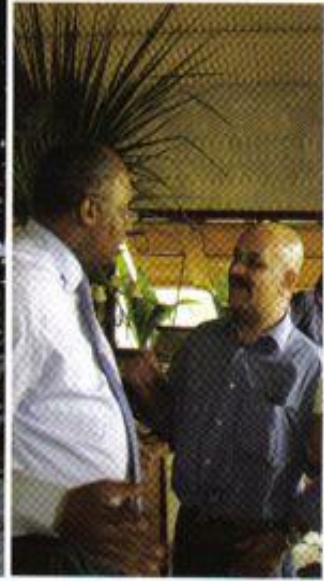
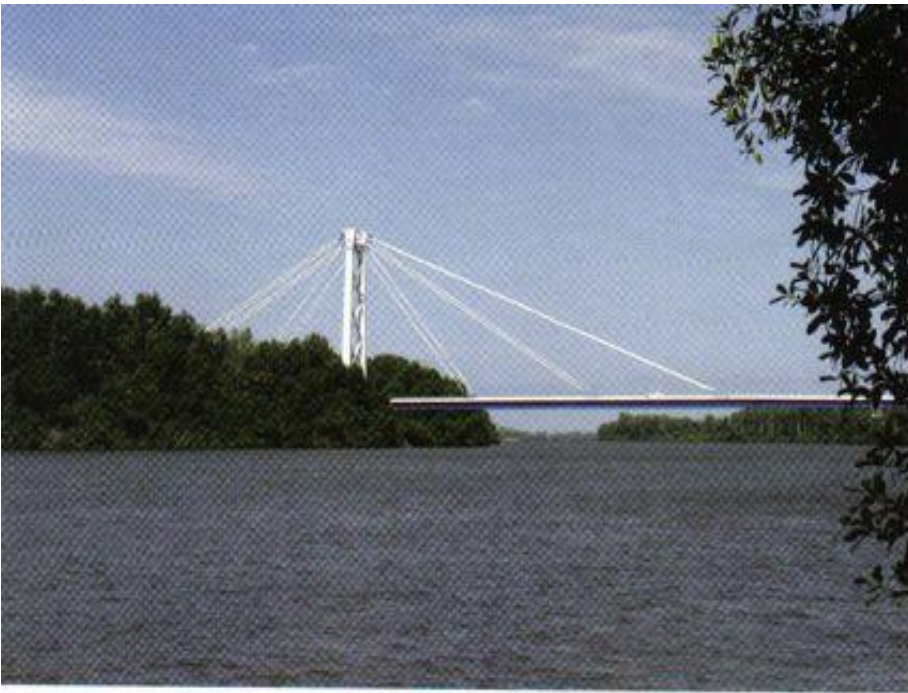
e arredores como nós: numa transversal que vai dar ao Picadeiro, entra-se por um portão de quintal, num beco à direita, atravessa-se um corredor de muros baixos, passa-se por um pátio e logo se encontra o restaurante debaixo de um telheiro de fibrocimento. Por toda a Angola há, agora, muitos restaurantes deste tipo, de quintal, incluindo Luanda onde há alguns de nível muito interessante tanto em decoração como em serviço de cozinha. Não era o caso deste. O Gimbrinho é basicamente um fundo de quintal assoalhado, minimamente protegido das amplitudes térmicas típicas da região. Tem a parte das mesas, a lembrar as dos refeitórios, e a parte do balcão e bar. A qualidade geral é bastante aceitável, incluindo a cozinha.

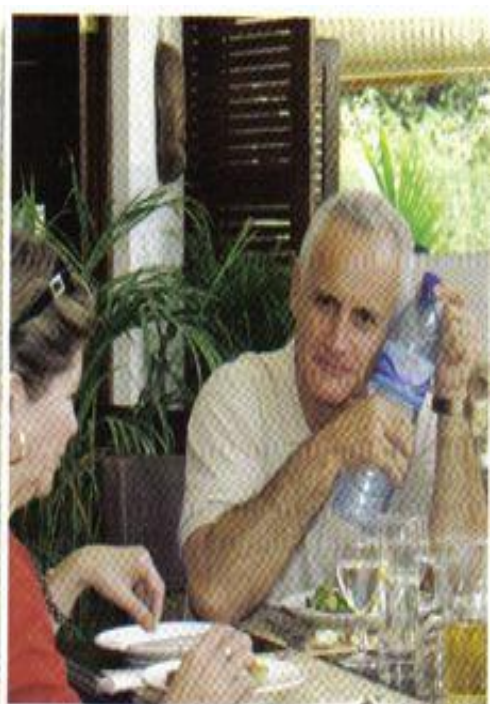
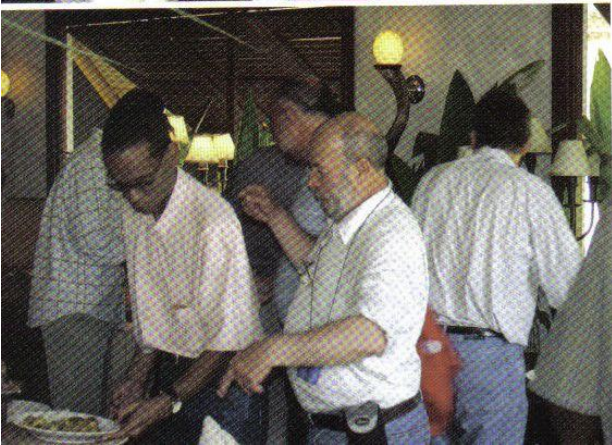
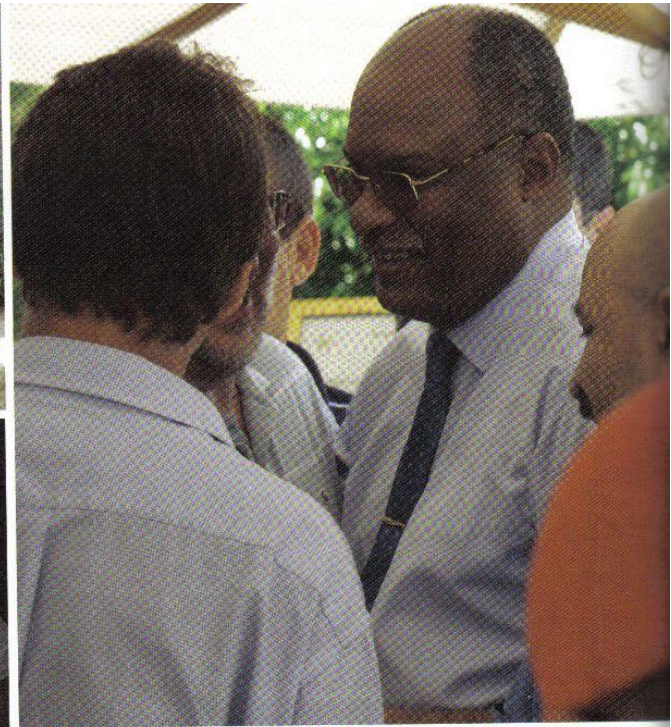
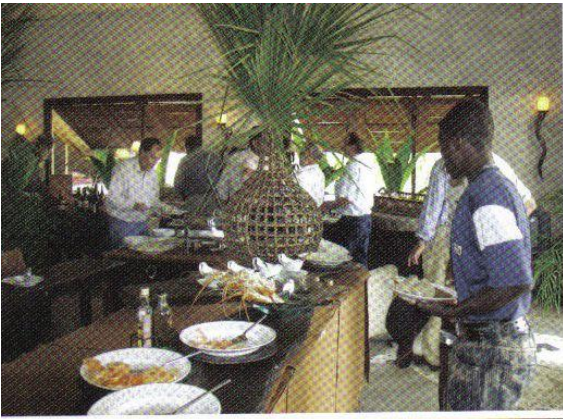
A televisão transmitia um jogo de futebol internacional a que poucos prestaram atenção. Estava tudo a virar copos e a petiscar. Comeu-se churrasco com as inseparáveis batatas fritas e bebeu-se muita cerveja e vinho. Mais para o fim da refeição o ambiente fazia lembrar o saudoso refeitório da Escola com nacos de pão ou ossos de galinha a voar pelas mesas. A restante clientela, já de si admirada pela dimensão daquela invasão compacta e inesperada, de tantos estrangeiros ruidosos que se comportavam como se estivessem em casa, não parava de apreciar, incrédula, o espectáculo insólito. Depois das sobremesas e dos cafés vieram os digestivos e as contas: 6 euros por cabeça. O que para a comitiva terá parecido irrisório, para a proprietária foi uma noite de lucros pouco habituais. Convém recordar que o nível de vida no interior do país é completamente diferente do de Luanda. Aqui a nota de 100 kwanzas, cerca de 1 euro na altura, tem poder de compra. No sistema monetário angolano esta é a nota de maior valor e a mais vulgar. Imagine-se o volume de notas necessário para pagar contas mais altas. Não há carteira que resista.

Este foi, sem qualquer margem para dúvidas, o dia mais longo da viagem. À meia-noite estávamos a dez mil pés de altitude, com apenas cerca de duas horas de voo; agora aproximava-se a nova meia-noite e muitos ainda não tinham ferrado o galho. Nem parado de beber.

Quando chegámos ao complexo residencial do PNUD houve quem fosse diligentemente para o respectivo quarto e houve quem fosse despreocupadamente saber a que horas fechava o bar “só para acabar o que estava a dizer”.









**SEGUNDO DIA**





dia amanheceu limpo e seco com uma ligeira neblina a perder-se nos confins da paisagem, a norte, muito para além do recorte da velha cidade da nossa adolescência. Numa imagem típica do princípio do cacimbo, sentia-se um calor incisivo ao sol e uma frescura geladina à sombra. A sul, a encosta da serra reflectia a sua imponência majestosa sustentando o orgulhoso ex-libris da cidade: o monumento ao Cristo Rei que, recortado sobre o azul intenso do céu, parecia aumentar a sua alvura. Continuava a querer abraçar a cidade, num gesto sereno e protector que parece ter resultado eficaz. O Lubango passou ao lado dos confrontos militares mais violentos, exceptuando-se um ou outro bombardeamento lançado pela força aérea sul-africana quando ainda vigorava o regime de apartheid.

No programa oficial para este dia só constava uma actividade: realização de uma visita à Fazenda Tchimbolelo do Fernando Borges - o maior criador da zona e, talvez, o maior do país - com direito a almoçarada. No entanto, como a nossa chegada acabou por coincidir com as comemorações do Dia do Criador, o convite foi transferido para a Fazenda Achor, do Francisco Rocha, vizinha do Tchimbolelo. Avisaram-nos que a estrada não estava em muito bom estado. Mais valia sair-se cedo do Lubango para não falharmos os actos oficiais. A hora limite da alvorada estava marcada para as sete e a partida para as oito.

A intensidade da luz exigia óculos escuros. Os raios solares aconselhavam cobertura para a cabeça, até porque havia quem já não beneficiasse da protecção capilar há muito tempo. Depois do lauto mata-bicho no refeitório do complexo com salsichas e ovo estrelado - que se transformaria no menu diário - o pessoal que ficou no PNUD e o que se espalhou pela cidade dividiu-se pelas viaturas disponíveis. Entre os jipes e carrinhas 4X4 destacava-se um autocarro do Instituto Médio Agrário do Tchivinguiro. O primeiro sinal claro da proximidade da Escola. A estrada devia estar, realmente, em muito más condições porque o autocarro - que nada tinha a ver com o inesquecível "Titanic" - não tinha qualquer hipóteses de circulação.

Após o inevitável atraso e as tradicionais confusões nas partidas em grupo - quem falta, com quem vou eu, esqueci-me das pilhas, etc. - a caravana pôs-se a caminho, rumo à Chibia. Só o nome já evocava muitas estórias de namoradas, de bailes e bailaricos, de muita bebida e alguma pancadaria com ou sem fuga consequente. A estrada, na realidade, deixa muito a desejar. Nunca a Chibia pareceu ficar tão longe mas também ninguém estava com pressa.

As recordações aumentaram com a entrada na vila. A casa de fulano, a loja de cicrano, olha como está a escola. Paragem obrigatória num bar para limpar as gargantas. A inesperada visita de tantos turistas espantou a população residente e, especialmente, os donos do bar escolhido ao acaso. Cerveja e refrescos para toda a gente e água para a viagem que se adivinhava longa, depois de informações colhidas



no local sobre o estado do piso dali até ao Tchimbolelo. Se até aqui estava mau, o pior ainda estava para acontecer.

Os condutores voltavam a discutir entre si a maneira de se conduzir em coluna, estipulando de vez que a viatura da frente nunca podia perder de vista a que seguia imediatamente atrás e que devia parar sempre que a outra parasse. As velhas técnicas da picada vieram a revelar-se úteis alguns quilómetros depois quando, já com muito tempo de viagem, a coluna parou e as viaturas da frente fizeram meia volta para se reagrupar. Teria sido, já, uma avaria? O motivo, felizmente, era bem menos preocupante: o pessoal tinha descoberto um mais-velho muila, trajado a rigor com a tanga, porrinho no cinturão e casaco que, na berma da estrada, assistia curioso à passagem da caravana. Todo o mundo queria tirar fotografias com o aquela figura típica, seca e rija, serena e sorridente. Para ele terá sido certamente um dia que nunca mais esquecerá. Para além dos beijinhos com que as damas que seguiam na comitiva o cumprimentaram, ainda recebeu algumas notas de 100 kwanzas pelas poses nas diversas fotos de família.

Sem mais incidentes a caravana foi-se arrastando, desviando-se de um buraco aqui, outro logo a seguir, às vezes seguindo pelas picadas abertas ao lado da estrada, até encontrar as primeiras indicações da proximidade da fazenda do Fernando Borges. A partir do Tchimbolelo o percurso para a Fazenda Achor estava perfeitamente identificado. Uma tabuleta até indicava o local onde se deveria colocar a tracção às quatro rodas, único meio para subir a encosta arenosa.

A entrada do local escolhido para a celebração das actividades comemorativas estava devidamente protegido por forças da ordem. Como não tínhamos convite na mão e, pelos vistos, nem sequer constávamos na lista de convidados, os polícias que controlavam as entradas tiveram a gentileza de nos deixar passar ainda que à consignação: ou nos aceitavam ou tínhamos que nos retirar. Tudo bem.

Depois desta viagem ao estilo antigo, muito antigo mesmo, quando nos aproximámos da área de estacionamento, ninguém ficou admirado com a quantidade de viaturas 4x4 ali alinhadas, nem com a potência e modernidade evidenciadas.

A área reservada aos festejos era grande e estava engalanada a preceito. A animação musical abrangia todo o terreno, lançada por potentes colunas colocadas numa pista de dança central, ao ar livre. À volta estavam espalhadas mesas e cadeiras de jardim em plástico branco. Foi para lá que o grupo se dirigiu enquanto apreciava o ambiente geral. Várias churrasqueiras iam assando carne bovina, em peças e carcaça inteira, outros fogos cozinhavam outros pratos e, para alegria geral, o bar, ainda que de reduzidas dimensões, era eficaz e respondia com prontidão aos desejos dos mais sedentos. A oferta era variada, apresentando refrigerantes, cervejas, vinhos e bebidas destiladas de diferentes tipos, marcas e nacionalidades. A nota dominante era de alegria descontraída. Pouco depois da nossa chegada, os mais altos responsáveis pelo evento e seus ilustres convidados abandonaram a enorme tenda onde tinham estado reunidos e juntaram-se aos restantes participantes.

Foi então que se encontraram alguns amigos de longa data que, de imediato, entraram em alegre cavaqueira com algumas das figuras públicas presentes, entre as quais se destacavam, para além do nosso colega Gilberto Lutukuta, actual ministro da Agricultura, o governador provincial da Huíla, Ramos da Cruz, Kundi Payhama, ministro da Defesa, Lopo do Nascimento, político notável da sociedade angolana, Fernando Borges e Francisco Rocha, proprietário da fazenda anfitriã, entre outros. Alguns órgãos da comunicação social acompanhavam o desenrolar da festa, incluindo uma equipa local da RTP-África. A festa estava animada e muito bem servida. Um elemento curioso foi a distribuição de chapéus plásticos à cowboy pelos convidados que emprestavam um ar mais pecuário ao ambiente.

Mais para o fim da tarde, quando já todo o mundo desacelerava no consumo de comidas e bebidas, a saudável confraternização estava instalada e ameaçava prolongar-se noite dentro. Era tudo gente que se entendia e, para a comitiva tchivinguirista, o ambiente estava 5 estrelas, mais uma pela surpresa. Foi então que, em agradecimento a tão excelente recepção, se decidiu lançar o famoso grito da Escola. O primeiro grito foi dedicado ao governador da Huíla e o segundo aos anfitriões.

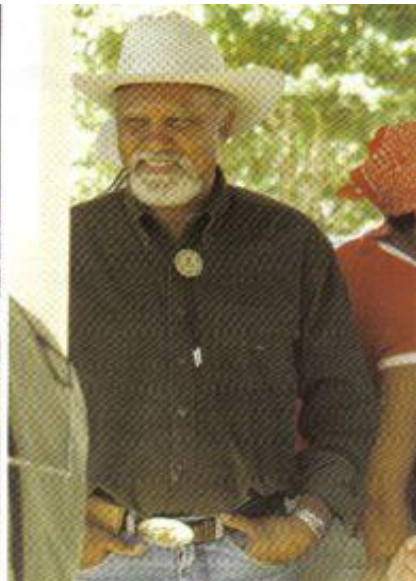
Os gritos roucos e cavos foram saudados com calorosas salvas de palmas por parte da assistência curiosa, admirada pelo estilo e ênfase da saudação. Nunca tal tinham visto nem ouvido. Infelizmente, não tiveram o mesmo efeito em todos os presentes. Foi lamentável a atitude de um alto responsável do Governo angolano ali presente que, pela voz de Baco, fez questão em divulgar, com algum espalhafato, as suas opiniões muito íntimas sobre a qualidade técnica dos visitantes inesperados e outros pareceres menos lúcidos sobre os motivos desta nossa romaria a Angola. *In vino veritas*, como se costuma dizer. Salvou a honra da casa o general Kundi Payhama. Sentindo o efeito político negativo deste incidente, fez um esforço notável para conseguir serenar os ânimos do seu compadre e aconselhá-lo a uma retirada estratégica, ainda que em braços. Na realidade este triste episódio não trouxe maiores preocupações para ninguém excepto para o próprio que, mais tarde, se sentiu na obrigação de convidar todo o pessoal, a título de desculpas, para uma refeição em Luanda, antes do regresso da comitiva a Lisboa. Ninguém quis aceitar mas o gesto de reconciliação ficou registado.

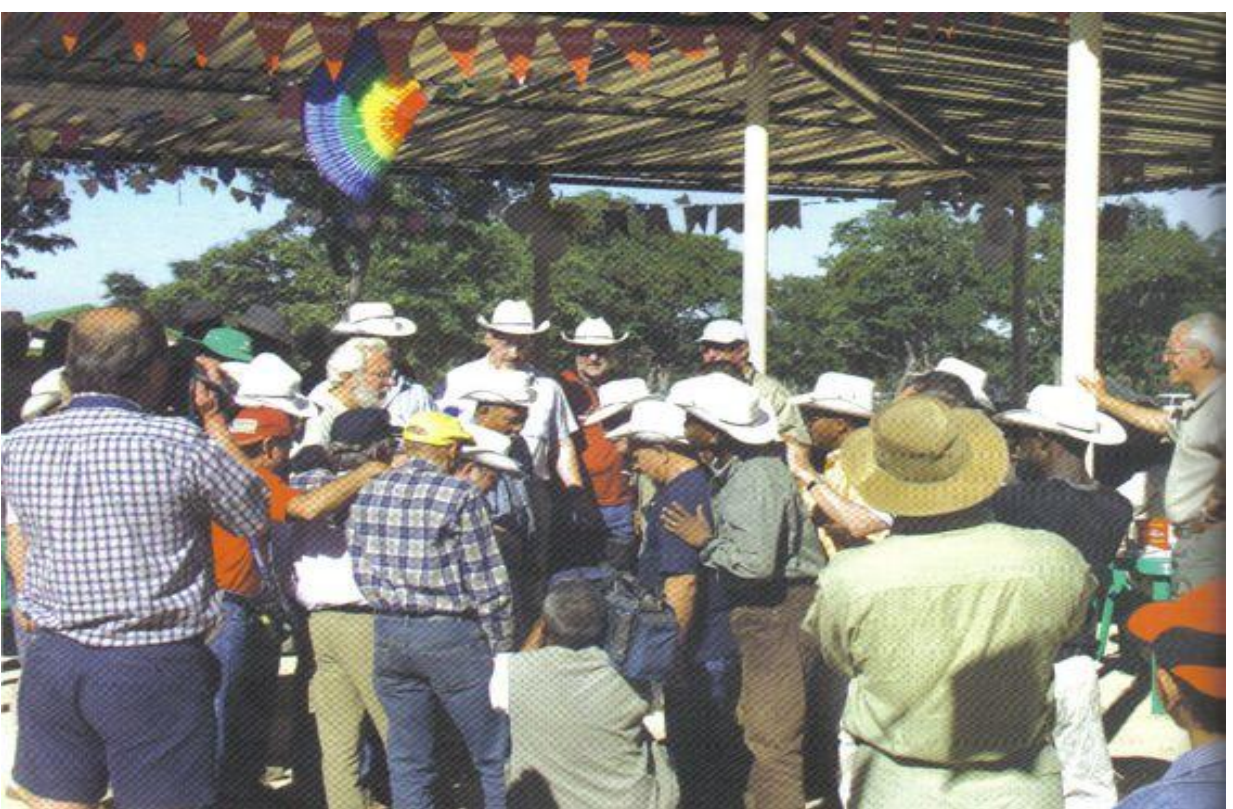
Mas o dia era de festa e a animação prevaleceu. Ainda o sol espreitava no horizonte quando alguns tchivinguiristas mais desinibidos abriram o baile, inapelavelmente seduzidos pela batida destes ritmos irrequietos. Convém referir que as suas passadas e estilos deixavam muito a desejar, para gáudio de alguns exímios dançarinos angolanos que os observavam e que depois saltaram para a pista para demonstrar como é que se dança agora. Claro que estas demonstrações não desanimaram nem ofenderam os mais afoitos. Pelo contrário, aprenderam alguns truques para depois praticarem em casa.

Era chegada a hora das despedidas. Se para a maior parte da comitiva ainda havia um regresso incómodo e lento até à cidade, que dizer do grupo de oito elemento que, às 8 da noite, decidiu partir para a Cahama, a seis horas de viagem mais para Sul, já na província do Cunene?

Quando a comitiva chegou ao Lubango, a excitação ainda marcava uma presença forte. Pela segunda vez consecutiva, a comitiva, ou o que restava dela, chegava à capital da Huíla durante a noite. Também neste caso a excitação ainda era muita. Dormir era coisa em que não se pensava. A solução foi acabar a noite no Enigma, um restaurante localizado nas traseiras do Campo de Tiro e de frente para a piscina da Senhora do Monte e para o Casino. O Enigma surpreendeu pela qualidade e variedade dos serviços, pela simpatia e eficácia dos seus funcionários e pelo bom gosto dado ao seu estilo decorativo, confortável e discreto, bem à velha maneira lubanguense. Recomenda-se.

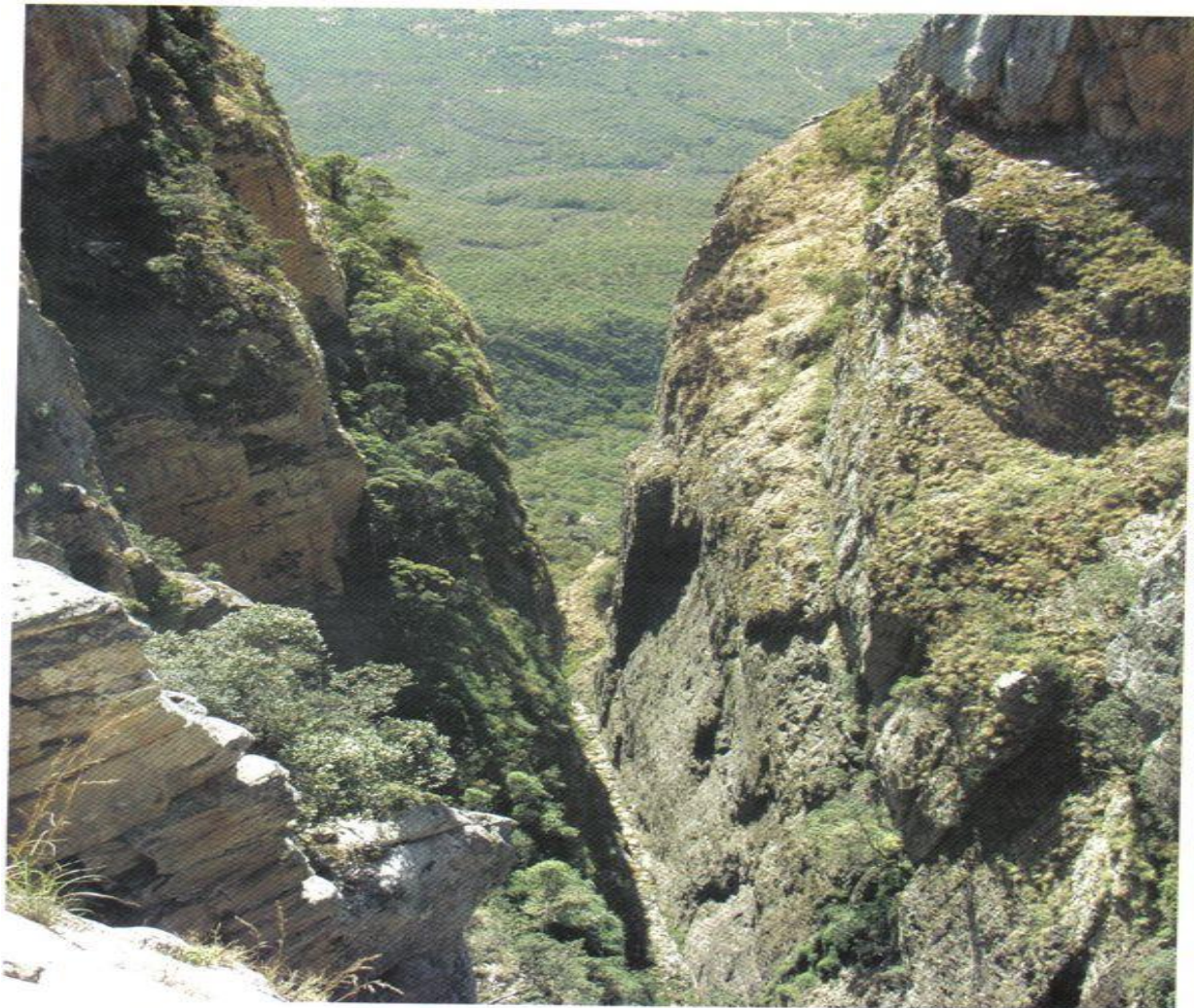








**TERCEIRO DIA**



## DOMINGO, 8 DE JUNHO

**D**omingo é domingo, mesmo quando se está de férias. O domingo foi instituído como dia de descanso oficial porque, para se ter um futuro mais longo e sem maleitas, há que respeitar o corpo dando-lhe o merecido e indispensável repouso. Especialmente ao fígado e a outros órgãos afins quando, ao longo de anos e anos a fio, se lhes deu demasiado trabalho e estiveram em contacto permanente com temperos fortes, muito tabaco e muita zurrapa alcoólica.

Para este dia não estava prevista nenhuma actividade colectiva, até porque a comitiva estava mais que fragmentada: o grupo que viajara para a Cahama ainda não tinha regressado, nem voltaria tão cedo, e os restantes subdividiram-se em função dos seus interesses ou conhecimentos locais.

Cada um queria matar saudades à sua maneira. Houve quem fosse à igreja; quem tentasse, mais uma vez sem sucesso, telefonar para Portugal; quem arrancasse a pé para um passeio de reconhecimento; quem fosse ver antigas propriedades e, até, quem fosse almoçar com o governador da província na qualidade de velho amigo. Tudo isto só comprovava que, afinal de contas, estávamos a jogar em casa, circulávamos em terreno conhecido como as palmas das mãos. Tão conhecido que "algumas vezes até de gatas", como tinha sido comentado na noite anterior, frente ao Bar Lafões, por um parceiro ofendido por se duvidar do seu sentido de orientação.

A vantagem deste domingo era que, pela primeira vez à luz do dia, dispúnhamos de tempo de sobra para percorrer e explorar a cidade e arredores. Era, aliás, a sugestão mais sensata. O dia estava excelente, convidava a apanhar ar puro e fresco e a fotografar tudo o que mexesse com a memória ou representasse a realidade actual.

Logo no começo do dia ainda houve uma tentativa espontânea de passeio organizado. Foi consensual a escolha da estufa fria para ponto de partida da visita à cidade. Foi esse o destino, depois de se percorrerem vagarosamente as ruas que despertavam recordações a cada esquina. As observações eram comuns. Recordavam-se os locais, um a um: a Sé, a Câmara, o Cine Odeon, o Rádio Clube, os restaurantes, os hotéis e pensões... e as respectivas estórias que aí aconteceram "uma vez". Pormenor curioso, muito notado, foi a substituição da estátua do Marquês de Sá da Bandeira - o homem que, em Lisboa, assinou a abolição da escravatura e que deu o nome à cidade - pela de um escravo a rebentar as correntes colocadas nos pulsos.

De uma maneira abrangente pode dizer-se que a cidade parou no tempo, mantendo-se em bom estado de conservação. Ao pormenor notavam-se as diferenças entre as imagens arquivadas na memória estudantil e a realidade agora apreciada por idades maduras. Obviamente, era difícil conjugar as duas perspectivas. Numa

primeira apreciação o que mais salta à vista é a má qualidade do piso das ruas, como acontece na maioria das cidades angolanas, ainda que na capital da Huíla o nível seja bastante aceitável. A cidade estava animada e tinha bastante circulação, mesmo para uma manhã de domingo.

A estufa fria estava fechada mas não foi difícil convencer o guarda a abrir os portões. A beleza do local permanece intacta e cuidada. A cascata continua a refrescar o ambiente. As máquinas de fotografar e filmar entraram em acção. Como já era hábito, parecíamos um grupo de turistas japoneses. Era difícil descobrir um plano sem capturar a imagem de alguém, com a máquina em punho, procurando melhor ângulo.

E depois desta visita acabou-se o passeio dominical em conjunto. Cada um tinha as suas prioridades perfeitamente definidas e partiu em busca do que mais lhe interessava.

Um dos grupos maiores dirigiu-se novamente para o restaurante Enigma, mesmo ali à mão de semear, para atacar um verdadeiro mata-bicho de garfo e faca. Aqueles ares puros continuam a abrir o apetite e ninguém estava preocupado com dietas. O Campo de Tiro, está em estado impecável. Os aficionados, devidamente equipados e trajados, preparavam a sofisticada artilharia para desfazer alguns pratos sob o olhar atento da assistência. Mais para os limites do campo, alguns miúdos, emboscados para lá da barreira, preparavam-se para recolher os falhados. Tal como antigamente.

E porque era domingo também a equipa de futebol sénior do Desportivo da Huíla realizava um treino ligeiro. O estádio também está em boas condições assim como o relvado. Ainda que estivéssemos no período do cacimbo, o dia estava bastante quente. Pelo menos o suficiente para recordar, já que estávamos na zona da piscina, o ambiente que aí se vivia, as belezas que se apreciavam ao longo das bermas da piscina e os corajosos mergulhos lançados da prancha. Infelizmente o tanque estava vazio, facto que não se tinha reparado na noite anterior, o que deu um toque desolador naquela paisagem tão acolhedora e tão bem arranjada.

Mais uma vez o serviço do restaurante, agora na esplanada virada para a piscina e Casino, foi impecável e de qualidade. Depois... barriga cheia, companhia desfeita. As viaturas recuperaram os tripulantes habituais e puseram-se em marcha para destinos diferentes. Mesmo sem existir uma ordem definida, os lugares mais belos e característicos do Lubango foram visitados por todos. No percurso pelos bairros da cidade, alguns edifícios despertaram muitas recordações, especialmente os mais afamados e característicos como o Colégio das Madres, o Liceu e a Escola Industrial - locais onde alguns tchivinguiristas conheceram a mulher que lhes estava destinada - e outros como o Grande Hotel, o palácio ou o quartel, por exemplo.

Nos arredores os destinos mais desejados eram, inevitavelmente, a Fenda da Tundavala e a estátua do Cristo Rei.

À saída da cidade, rumo à Tundavala, atravessámos a nova zona industrial onde, entre outras fábricas, se encontra agora a da Coca-Cola. A estrada estava boa mas pouco mais iria durar. A subida para a fenda está transformada num verdadeiro caminho de cabras. Na zona da antiga Estalagem, que mais parece uma ruína romana, cruzámo-nos com várias viaturas estacionadas. Era domingo, era dia dos alegres e intemporais pic-nics. E animados, com direito a pé de dança. A tradição mantém-se.

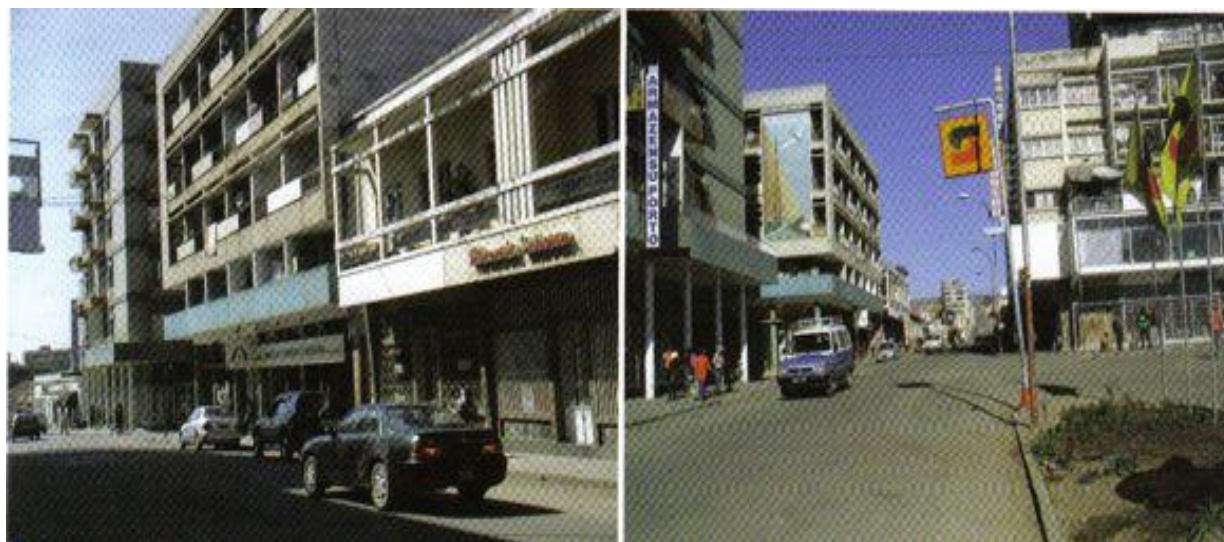
Ao chegarmos ao topo, ainda antes de se estacionar a viatura, a primeira curiosidade a registar foi a tenda de campanha que estava montada do outro lado da fenda, local onde tanta gente tantas vezes acampou.

Por mais que seja vista e revista, a beleza da Tundavala é realmente impressionante e esmagadora. É uma tarefa verdadeiramente impossível conseguir-se uma imagem que capture a sua grandiosidade e impacto. Só vendo com os próprios olhos, lá de cima, à beira do precipício! Parecia ser a primeira vez que apreciávamos aquele rasgo espetacular da natureza, talvez porque com a idade ganhamos uma outra noção de dimensão, tornamo-nos mais exigentes na apreciação estética e damos mais atenção aos pormenores. Ou talvez, muito simplesmente, porque o olhar esteja mais atento à paisagem e menos preocupado com as poses e desejos das nossas namoradinhas a quem dizíamos “a paisagem que se lixe, vamos ao que é fixe.”

A partir do Cristo Rei a paisagem de fundo é completamente diferente. Está mais próxima, parece mais legível. Pode-se apreciar a variação do crescimento da cidade num golpe de vista, acompanha-se o combóio que se aproxima até chegar à estação, aprecia-se a fluência do trânsito. Não deixa de ser um local belo e relaxante, pelo menos quando está menos concorrido que essa tarde. Uma romaria típica de domingo. O parque estava cheio de viaturas, as escadas em caracol que dão acesso ao miradouro do sopé da estátua, já de si exiguas, estavam congestionadas, especialmente por grupos de crianças que a elegeram para brincar. O Cristo Rei continua a ser um pólo de atracção turística, mas precisa de algumas obras de conservação. A estrada de acesso está excelente e as estruturas dos miradouros da serra, ainda na subida, estavam na altura a ser recuperados. Uma iniciativa do governo provincial, muito interessado em desenvolver o turismo, mesmo o interno.

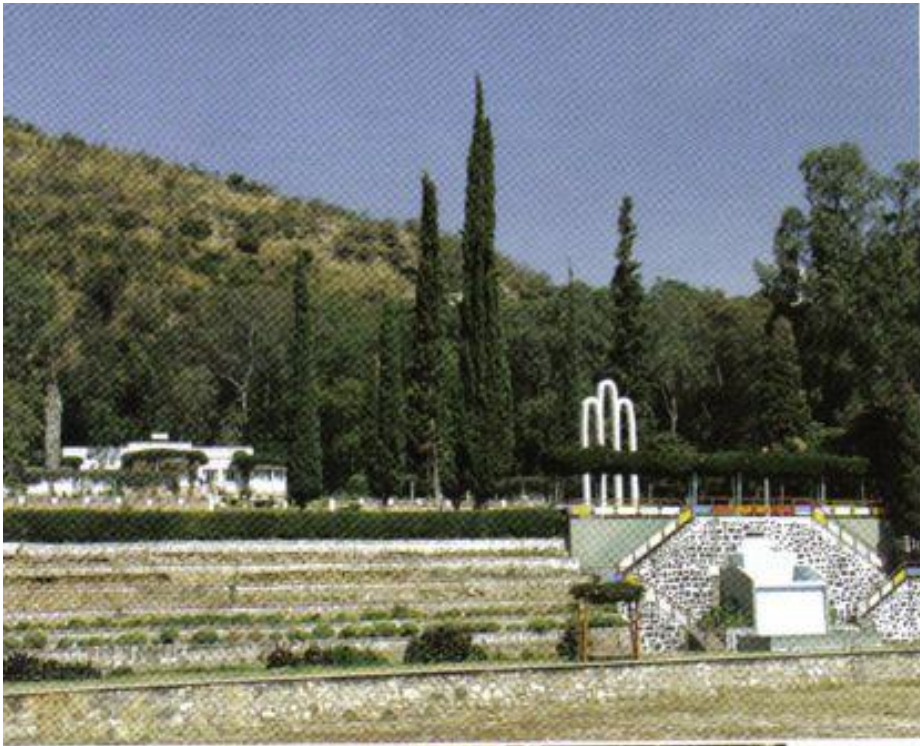
Finalmente, e porque era domingo, não resistimos ao passeio no Picadeiro quando a noite caía. Não havia o menor sinal da agitação doutros tempos e a Flórida estava fechada. Mais abaixo a Tirol, mantendo a mesma traça, estava com algum movimento à porta. Um cartaz indicava que ia haver uma matiné dançante das 20 horas à meia-noite, como agora se dizem as horas. O salão tinha sido adaptado a pista de dança, com as cadeiras a acompanharem o balcão e as paredes. No pequeno sobrado à direita, por detrás dos varandins de ferro forjado, estavam colocadas as mesas. Faziam-se os últimos ensaios sonoros quando perguntámos se podíamos beber umas cervejas. Pouco tempo lá ficámos porque a intensidade do som que saía das colunas era impróprio para conversas. Saímos ainda antes de os clientes começarem a entrar. Destino: para variar, Enigma.

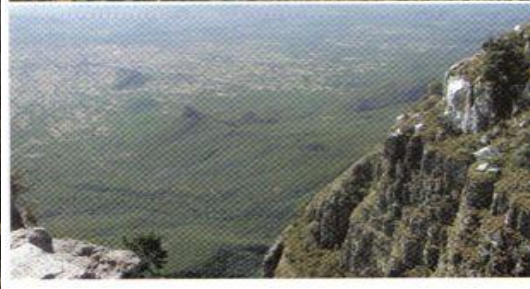
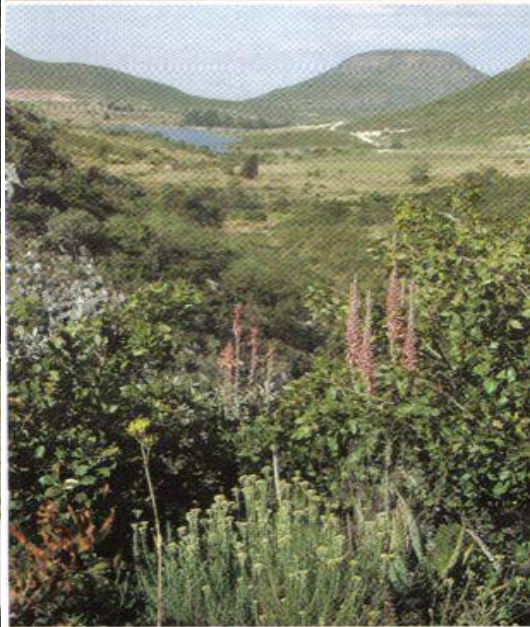
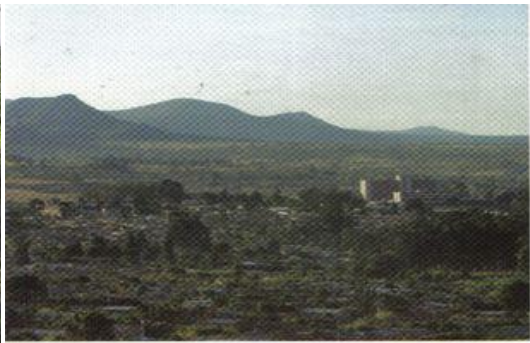
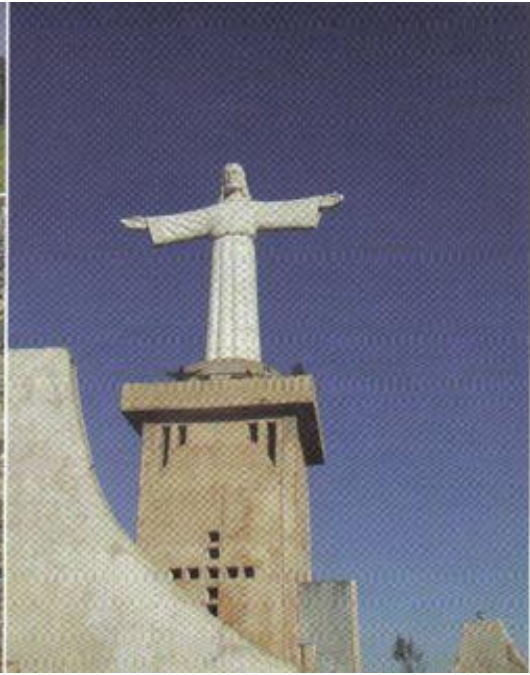
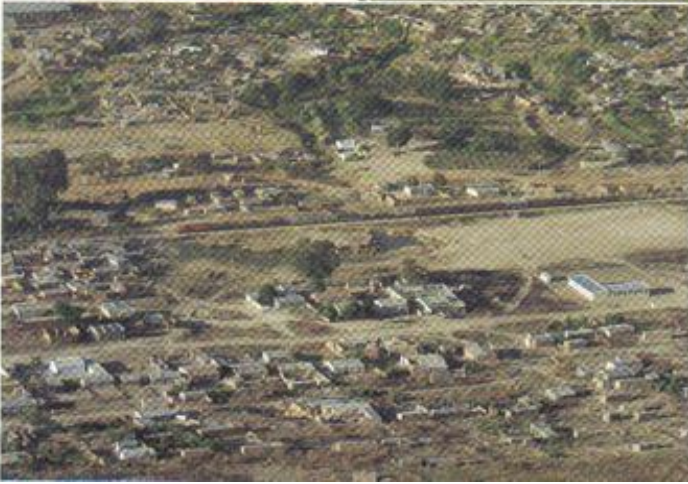
Mais uma noite bem passada com a presença de quase todos os elementos da comitiva, incluindo alguns do passeio à Cahama. Contaram-se anedotas, os restantes clientes, contagiados pela animação, também participaram e, ao mais puro estilo dos fins de tarde na Escola, apareceu uma viola, afinaram-se as vozes e sucederam-se as canções da nostalgia. Quem não se lembra dos bonitos olhos da Malagueña?

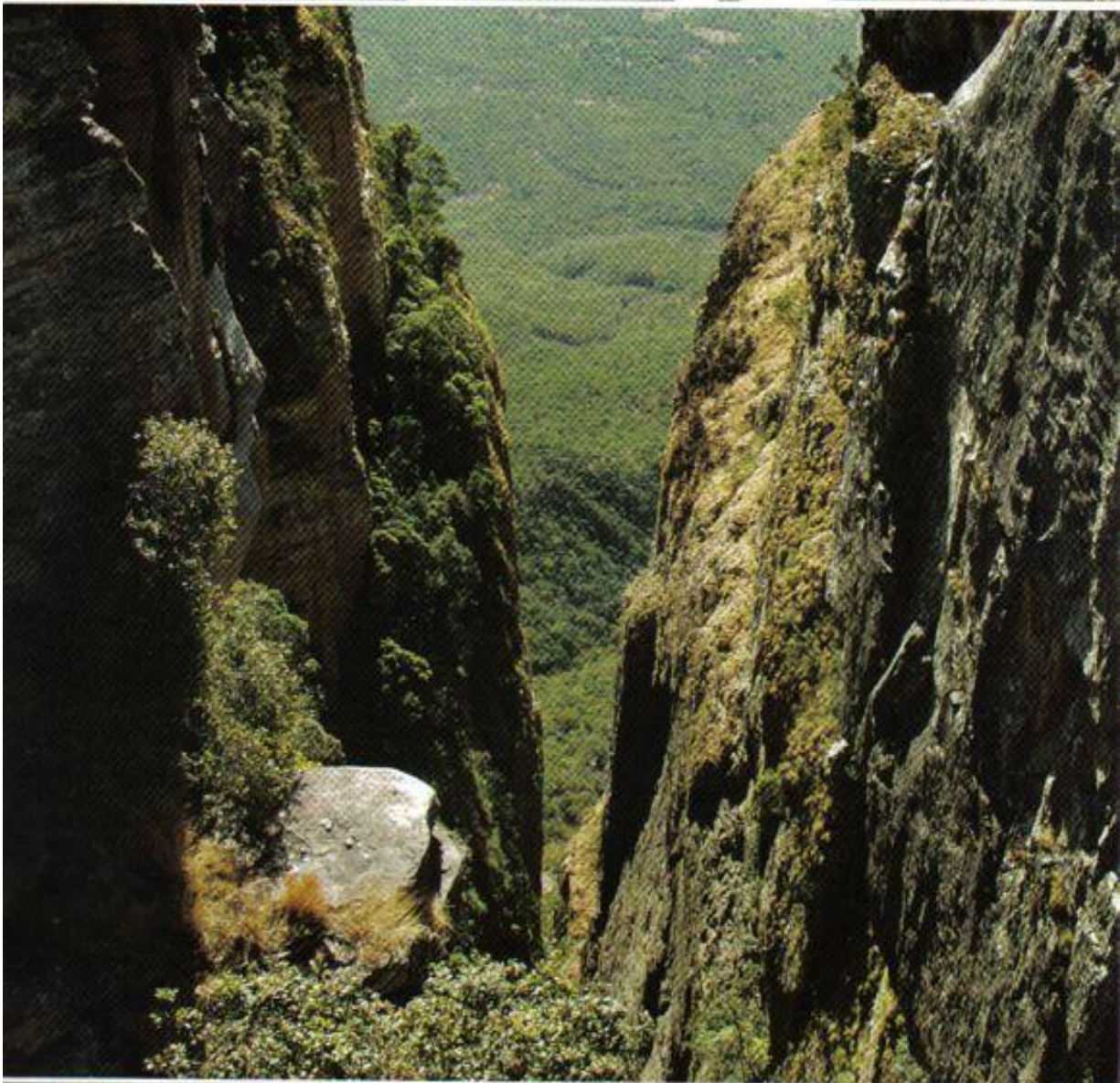




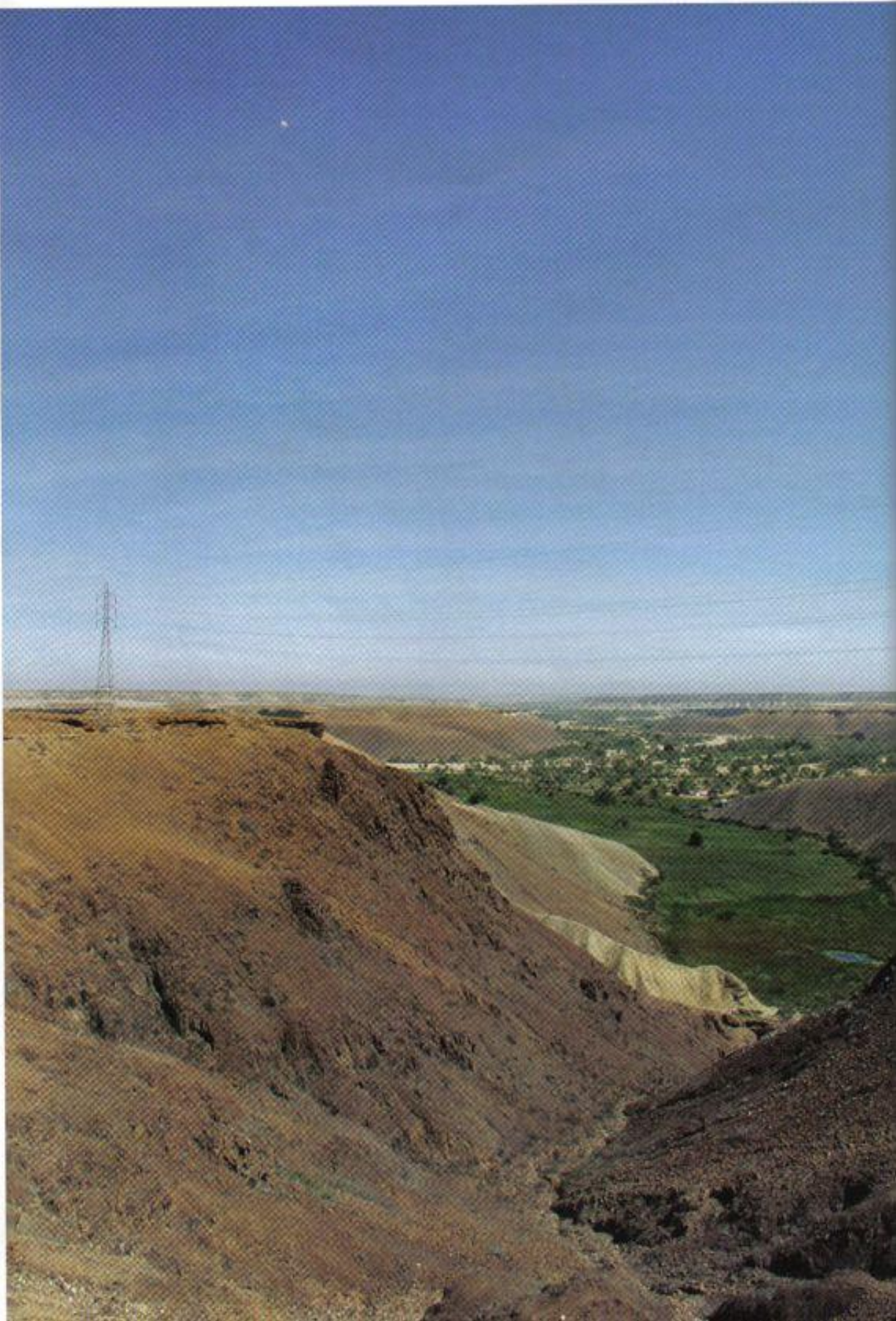








**QUARTO DIA**



## SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JUNHO



dia estava reservado para uma almoçarada em Moçâmedes, agora rebaptizada como Namibe. A comitiva já há muito tempo que ia afiando o dente para o espetar nos saudosos caranguejos que levam o nome da terra.

Manhã cedo foram-se encher os depósitos das viaturas. A título de curiosidade é interessante referir os preços dos combustíveis, só para matar saudades: litro do gasóleo, 10 cêntimos; gasolina, 20. Depois de atestados, por tuta e meia, ainda foi necessário dar uma volta pela cidade para procurar os mais expeditos que tinham decidido ir matabichar a um restaurante novo, para os lados do Hotel Metrópole, onde se serviam deliciosos croquetes e rissóis. Aproveitou-se a paragem para fazer um pequeno abastecimento extra para a viagem, mais umas garrafas de sumo e de água e pé na estrada que se faz tarde.

O movimento da cidade era intenso, recordando que era dia de trabalho. Não passou despercebida a quantidade de viaturas, de todos os tipos e em todos os estados de conservação, com volante à direita e matriculados com as iniciais KK que indicam ser provenientes da província do Cuando Cubango, ou seja, compradas na Namíbia a preços muito em conta. Como em qualquer outra zona raiana, é notória a existência de um grande fluxo comercial entre estes dois países vizinhos.

Subimos novamente a serra e passámos pela nova fábrica de engarrafamento da Água da Chela, perto da velha Fazenda da Jamba. Ao cruzarmos a Humpata fez-se uma apreciação rápida do estado de conservação da vila, saltaram para a conversa algumas recordações mais pertinentes e tomou-se o rumo do Namibe.

Quando a comitiva chegou à bifurcação para o miradouro da Leba, uma cancela de duas batentes em tubo cortava a estrada de lado a lado.

- É uma portagem - avisaram os conhecedores do terreno.

Portagem? Não deixa de ser um bom sinal se corresponder à boa qualidade do piso. E valeu a pena pagar cerca de 1,30 euros por viatura. A estrada pode ser classificada como de excelente, de tal modo está impecável e devidamente sinalizada. A viagem prometia ser agradável, cómoda e rápida, ao estilo das viagens a que estávamos habituados nos outros tempos. Mais ou menos a meio do percurso entrámos numa faixa de 20 quilómetros de piso com algumas irregularidades mas que estava em trabalhos de reparação à responsabilidade de uma conhecida empresa portuguesa.

Atravessar a serra da Leba desperta sempre aquela admiração pela monumentalidade desta obra de engenharia. E alguns pensamentos mais pessimistas relacionados com o estado dos travões. No entanto a qualidade e a suavidade do trajecto faz esquecer qualquer tipo de insegurança, permitindo apreciar a paisagem enquanto se zigzagueia ao longo de quilómetros. Cruzámos com dois camiões avariados e com muito mais trânsito. Esta estrada é muito frequentada por

todo o tipo de viaturas, o que dá para perceber a existência de um fluxo bastante grande de pessoas e comércio entre as duas capitais provinciais vizinhas. Localmente diz-se que este movimento é muito mais no sentido do Namibe que o inverso, ou seja, a maioria dos viajantes são huilanos.

Da viagem em si pouco mais há a dizer excepto a referência a uma segunda paragem, forçada pela existência de uma nova cancela de duas batentes em tubo, a cortar a estrada de lado a lado, em pleno território da província do Namibe.

- Outra portagem? - pergunta-se.

Não. Desta vez o motivo era tão curioso quanto estranho: trata-se de um posto fixo da polícia de emigração e fronteiras. Se bem que os funcionários tenham sido bastante simpáticos e profissionais - limitaram-se a anotar as referências dos passaportes dos estrangeiros e dos bilhetes de identidade dos nacionais - não conseguiram justificar a necessidade desse controlo em plena estrada nacional, a centenas de quilómetros da fronteira mais próxima, a da Namíbia. Provavelmente será um resquício dos outros tempos em que campeava a guerra no país - ainda que, nesta região, nunca se tivesse feito sentir - e se espalhou a moda dos postos de controlo só para marcar posição.

Também neste caso o controlo acabou por se revelar mais burocrático que eficaz. Basta dizer que um dos elementos da comitiva se tinha esquecido do passaporte no Lubango e acabou por fazer, sem qualquer tipo de problema, o que poderá ser considerado oficialmente como duas passagens clandestinas: uma à ida e outra à volta.

Se o dia já estava quente quando partimos da planáltica cidade do Lubango, ao atravessarmos o deserto ainda mais se fez sentir o calor. Não houve mais paragens nem quando se passou pelo Caracul, até porque a hora normal do almoço já tinha passado. Pouco depois, ainda em pleno deserto começou-se a sentir aquela brisa fresca marítima. A costa estava perto. Logo surgiu o vale do Giraúl, um verdadeiro oásis que aproveita o forte contraste com a aridez circundante para sublinhar a sua beleza e valor económico. Pouco depois avistávamos ao longe o perfil da cidade.

Apreciando pela perspectiva urbana, as primeiras impressões sobre a cidade Rainha do Deserto talvez tenham sido ainda mais positivas que em relação ao Lubango, excluindo o relacionamento afectivo. A cidade continua a transmitir aquela tranquilidade marítima, parece que nunca acontece nada e que todo o mundo está feliz com a vida que tem. Os arruamentos estão bem tratados e limpos, assim como os edifícios.

A primeira paragem foi na estação dos correios. Mais uma vez a comitiva fez uma pausa para telefonar para casa. Desta vez com algum sucesso. Até deu tempo para se ir a um banco cambiar euros por kwanzas.

Uma pequena volta pela cidade e as viaturas rumaram para a Praia das Miragens, o local anteriormente escolhido para ponto de encontro de todas as viaturas. Enquanto se esperava pela chegada dos mais retardatários, tomaram-se umas geladinas num bar da marginal sob o olhar curioso da população, pouco habituada a receber incursões tão grandes de turistas sem ser nas épocas festivas.

Mais uma vez o acaso jogou a nosso favor. Muitas vezes as situações não programadas são as que concebem os melhores resultados. Enquanto se discutia o melhor local para reencontrar os famosos carangueijos, e não só, apareceu por mero acaso um cabeça-de-pungo que, além de conhecido e amigo de alguns elementos da comitiva, estava ligado à apanha e comercialização do caranguejo e, para ser ainda mais completo, até tinha um restaurante. Foi logo avisando que era muito difícil, já desde há muitos anos, encontrar os famosos caranguejos de Moçâmedes tamanho família. Explicou as suas razões mas garantiu que até tinha ainda, e por

mero acaso, umas caixas de caranguejos de tamanho normal, congelados. Afinal não deixam de ser tão saborosos como os outros. Em vez de um, comiam-se 2 ou 3! Não se discutem pormenores quando se juntam cerca de quarenta almas sedentas e com alguma larica.

As viaturas seguiram em coluna para o restaurante instalado numa quintal amplo, uma espécie de esplanada interior cheia de sombras e com uma pequena pista de dança. Que dizer do almoço? Comeu-se caranguejo - era muito mais pequeno que os "famosos" mas muito saboroso - comeu-se lagosta, camarão, pungo assado, fruta e sobremesas. Só um incondicional é que preferiu prato de carne. Bebeu-se muita cerveja, muito vinho português e sul-africano e uísque depois do café. Mesmo de papo cheio houve excursionistas que não resistiram a ensaiar uns passos de dança na pista. Sem dúvida nenhuma, o pessoal começava a retomar o gosto ao pézinho de dança por dá cá aquela palha. Mas ainda tínhamos uma viagem de regresso pela frente e o dia seguinte é que era o grande dia. Estava na hora de fazerem contas e partir.

Também só para registo - e se possível para provocar algumas invejas - o custo do almoço ficou em 12 euros por cabeça.

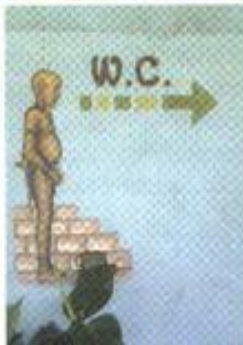
O regresso foi iniciado já ao fim da tarde, apanhando com o sol pelas costas, o que nos ofereceu vistas e efeitos de luz extraordinários ao atravessar o deserto. Houve ainda quem não tivesse resistido a um pequeno desvio para visitar a Estação do Caracúl.

O reagrupamento da comitiva estava combinado para ser no posto da polícia de migração e fronteiras. Aconteceu já noite cerrada. Enquanto se esperava, o trânsito de ligeiros e pesados não deixou de circular nos dois sentidos. A última imagem espectacular foi a subida da Leba, perfeitamente definida à distância pelo movimento da luz dos faróis contra um fundo escuro como breu.

No Lubango ainda houve tempo e vontade para um passeio a pé com um propósito bem definido: ir à incontornável Flórida, que estivera fechada durante todo o fim-de-semana, para satisfazer a curiosidade de ver como estava. Talvez o maior desencanto de toda esta viagem. Aquele lugar elegante e tão marcante na vida da cidade, considerado o coração da vida cosmopolita huilana, desfigurou-se por completo e não passa de uma tasca de subúrbio, mal amanhada e sombria. É pena.









**QUINTO DIA**



## TERÇA-FEIRA, 10 DE JUNHO

**F**inalmente o grande dia. Durante a manhã foi chegando ao Lubango mais pessoal para as comemorações do Dia do Regente Agrícola, vindo de vários pontos do país. O projecto do "Reencontro no Tchivinguiro" começava a revelar a sua verdadeira dimensão. É de salientar a presença de alguns colegas que - mesmo desempenhando altas funções nas áreas governativa, militar e empresarial - agendaram o dia para o almoço e fizeram questão de marcar presença. O estacionamento do complexo do PNUD estava repleto de viaturas, entre as quais se incluía o autocarro do Tchivinguiro, prontos a zarparem para com participantes e convidados.

Os tradicionais atrasos quanto à hora da partida desta vez levantaram muitos mais protestos que o habitual. Sentia-se um certo nervoso miudinho no ar. Havia pressa em chegar à Escola, em pisar aquelas terras, em sentir aqueles cheiros, em rever aquelas paisagens, em reconhecer aqueles ambientes. Perante a crescente impaciência colectiva, e para evitar uma daquelas makas antigas, a melhor solução foi decidir-se que as viaturas arrancassem conforme fossem ficando com lotação esgotada.

A partir do desvio para o Tchivinguiro entrámos para uma estrada em excelentes condições que permite ver ainda restos do antigo traçado ladeado por eucaliptos. Na generalidade as conversas incidiam sobre velhas histórias passadas na Escola, as intermináveis viagens a bordo do Titanic, o estado da picada de então e outros temas triviais só para ir preenchendo o tempo. Até porque a viagem realizada no novo trajecto não dá tempo para grandes explicações. Num ápice estávamos a avistar o morro pontiagudo que delimita o horizonte poente da Escola, onde o sol se esconde. Logo a seguir atravessámos o Caholo das saudosas caminhadas e já tínhamos o complexo escolar à vista. Para quem nunca mais teve oportunidade de voltar à Escola desde que a estrada asfaltada foi construída, a viagem até pecou por ser demasiado curta, se bem que a velocidade cruzeiro fosse bastante razoável - uma média aproximada de 100 à hora. Não deu tempo para se degustar a paisagem nem para se engatilhar as memórias.

O actual acesso às instalações está localizado na zona das residências dos professores e contorna o edifício do internato pelo lado poente, pelo lado da sala de cinema.

E ali estava a nossa vetusta Escola em toda a sua magnificência, silenciosa, imponente, dominando a extensão territorial que lhe pertence. A emoção foi grande e verdadeiramente indescritível porque cada um viveu esse momento à sua maneira. A enorme atracção que a Escola continua a exercer, sobre quem lá passou alguns dos melhores anos da sua vida, é espantosa. Talvez porque fosse um micro-universo onde cada um revelava a sua verdadeira personalidade e aprendia a coabitar com a dos outros. Uma verdadeira escola da vida onde nos tornámos adultos

mais cedo sem no entanto perder a loucura da adolescência. Onde corrigimos defeitos e aprendemos defesas. Onde se conheceu a verdadeira dimensão da camaradagem, mais para fraternidade do que amizade.

À data da nossa visita, o início do novo ano escolar tinha sido adiado *sine die* porque, segundo nos explicou o director interino, existiam problemas graves relacionados com o fornecimento da logística à Escola, entregue na sua totalidade a uma empresa privada de *catering*. A ausência do director foi justificada pelo facto de estar suspenso enquanto decorresse o processo de investigação.

Não se via viva alma, para além dos funcionários que nos iam abrindo as portas, mas as instalações encontravam-se prontas para receber os alunos. Estava tudo por nossa conta sem qualquer limite para a bisbilhotice. Ninguém se lembrava de alguma vez ter percorrido a Escola nessas condições.

A arquitectura do edifício mantém-se inalterada e está em excelente estado de conservação. A única diferença a registar foi a substituição das portas e janelas em madeira por outras idênticas em alumínio, respeitando o estilo original. Nota-se que houve trabalhos de restauração recentes e a modernização de alguns equipamentos. No interior, sim, houve alterações profundas nas diferentes áreas de utilização. As mais evidentes, começando pelo segundo andar, estão relacionadas com a conversão de todas as camaratas e do gigantesco balneário em quartos de diversas dimensões. Onde serão feitas, agora, as famigeradas caças à bruxa? Todos os quartos estão devidamente equipados com mobiliário em madeira e, até, com colchões de mola. Um item a menos no rol do enxoval. No primeiro andar o ginásio foi adaptado a sala de convívio. O saudoso refeitório onde nasceu o típico grito do "Paga!", onde se divulgavam as ordens de serviços, onde ocorreram tantas estórias e até um levantamento de rancho que deu origem a uma marcha silenciosa, onde se realizavam os fabulosos bailes de gala anuais e onde, diariamente, se tirava a barriguinha de misérias, para desapontamento geral estava transformado numa série de quartos e de casas-de-banho. Foi um balde de água fria. O refeitório actual, tipo *self-service*, está arrumado na antiga sala de estudo do rés-do-chão. Foram estas as grandes alterações ao nível das estruturas básicas. Tudo o resto mantém a sua traça original: o soalho de ladrilhos vermelhos, onde se patinava sobre as cardas das botas, os azulejos do hall de entrada e os nomes gravados nos degraus das escadas do portão principal.

Esta reconfiguração da arquitectura interior - certamente realizada para melhorar a eficácia dos serviços internos e a comodidade dos alunos, para além de aumentar a sua capacidade habitacional - acabou por se revelar uma desilusão por não corresponder ao cenário de fundo que persistia nas nossas memórias e que se esperava rever.

As escadarias que conduzem ao pavilhão de aulas estão empedradas e ajardinadas. Do pavilhão em si pouco há a dizer. Foram modernizados os equipamentos e mobiliários escolares das salas de aula e dos laboratórios e a criou-se de uma sala de computadores com ligação à internet no rés-do-chão.

Em resumo pode-se afirmar que, graças à estrada que nos coloca em 20 minutos no Lubango, com a excelência das instalações e o acesso à internet, o isolamento conventual que caracterizava a nossa época desapareceu.

A lagoa da Casa das Máquinas foi o local escolhido para a realização do almoço. Enquanto se ia caminhando pela alameda fez-se uma paragem obrigatória na residência oficial do director. O exterior da casa está impecável mas o logradouro completamente abandonado. Como cartão de visitas de uma escola agro-pecuária esta imagem deixa uma nota muito negativa.

Ao chegarmos à lagoa, agora beneficiada com a construção de um django no seu leito, ligado à margem por um pontão, já lá se encontrava à nossa espera quase todo o pessoal que, no antigamente, trabalhava no internato, no pavilhão de aulas e nas actividades agro-pecuárias. Estavam muito excitados com a visita. Foi outra agradável surpresa deste reencontro.

Para além dos muitos colegas e amigos que compareceram à chamada, registe-se a presença do colega Gilberto Lutukuta, ministro da Agricultura, e do amigo Ramos da Cruz, governador da Huila. Infelizmente, por razões de Estado, o inexcusável patrono da nossa viagem, Serra Van Dúnem, não pôde estar presente. Digamos que se fez representar pelo seu irmão, o colega Nado, que nos acompanhou ao longo de toda a estadia em Angola.

A ementa deste almoço que se arrastou ao longo de toda a tarde foi rica e variada. Ofereceu grelhados de carne e peixe, na brasa, pratos tradicionais angolanos e portugueses, sobremesas e frutas e muita bebida para todos os gostos. É claro que se abusou um pouco, mas sem qualquer exagero de maior que fizesse lembrar as sessões no caramanchão. Até porque nem há cabedal para aguentar esse tipo de exageros adolescentes.

E porque o sol estava a matar procuravam-se as sombras do lado da encosta, na margem oposta às mesas e ao bar de campanha. Houve quem quisesse ir dar uma espreitadela à entrada da gruta que se diz albergar o mítico tesouro do lendário António Tchivinguiro.

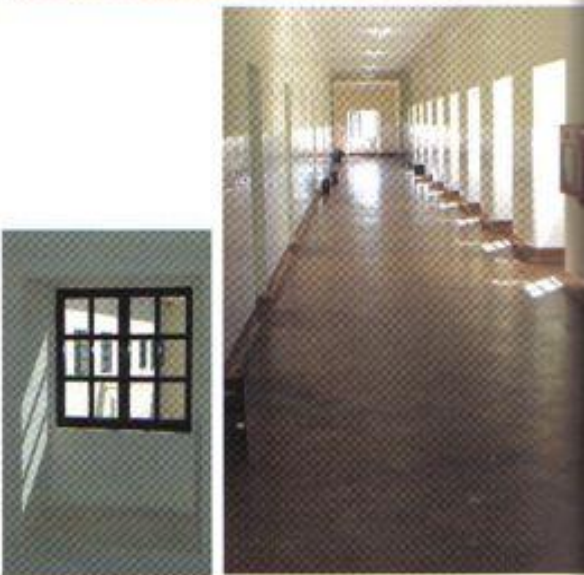
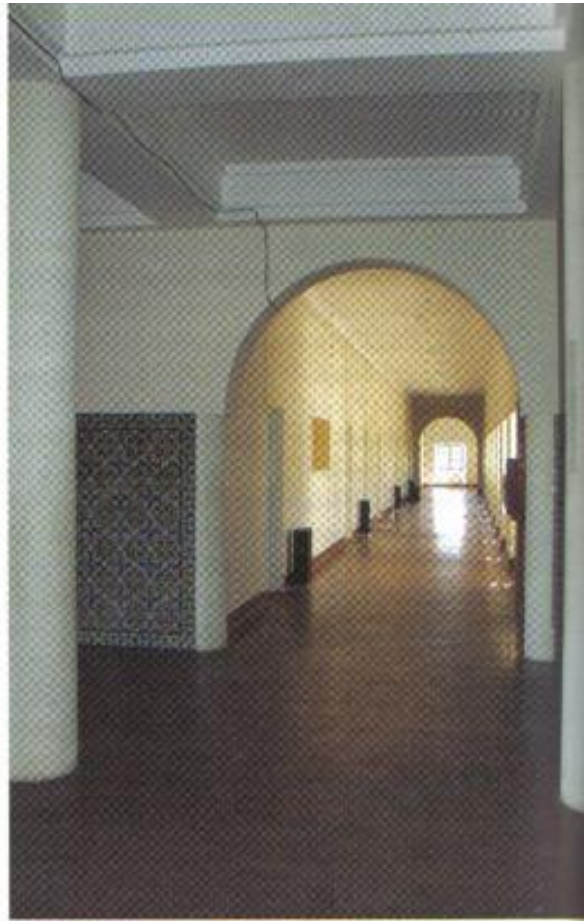
Mais para o fim da tarde, já que estávamos na lagoa e contávamos com a presença de um antigo bispo, surgiu espontaneamente a ideia de se baptizarem os três elementos da comitiva que pela primeira vez pisavam terras angolanas. Não foi cerimónia que respeitasse integralmente o figurino mas ainda se cantou o refrão do “Bispo de Aveiro” e se fizeram umas maldades para oficializar a admissão dos novos Bichos.

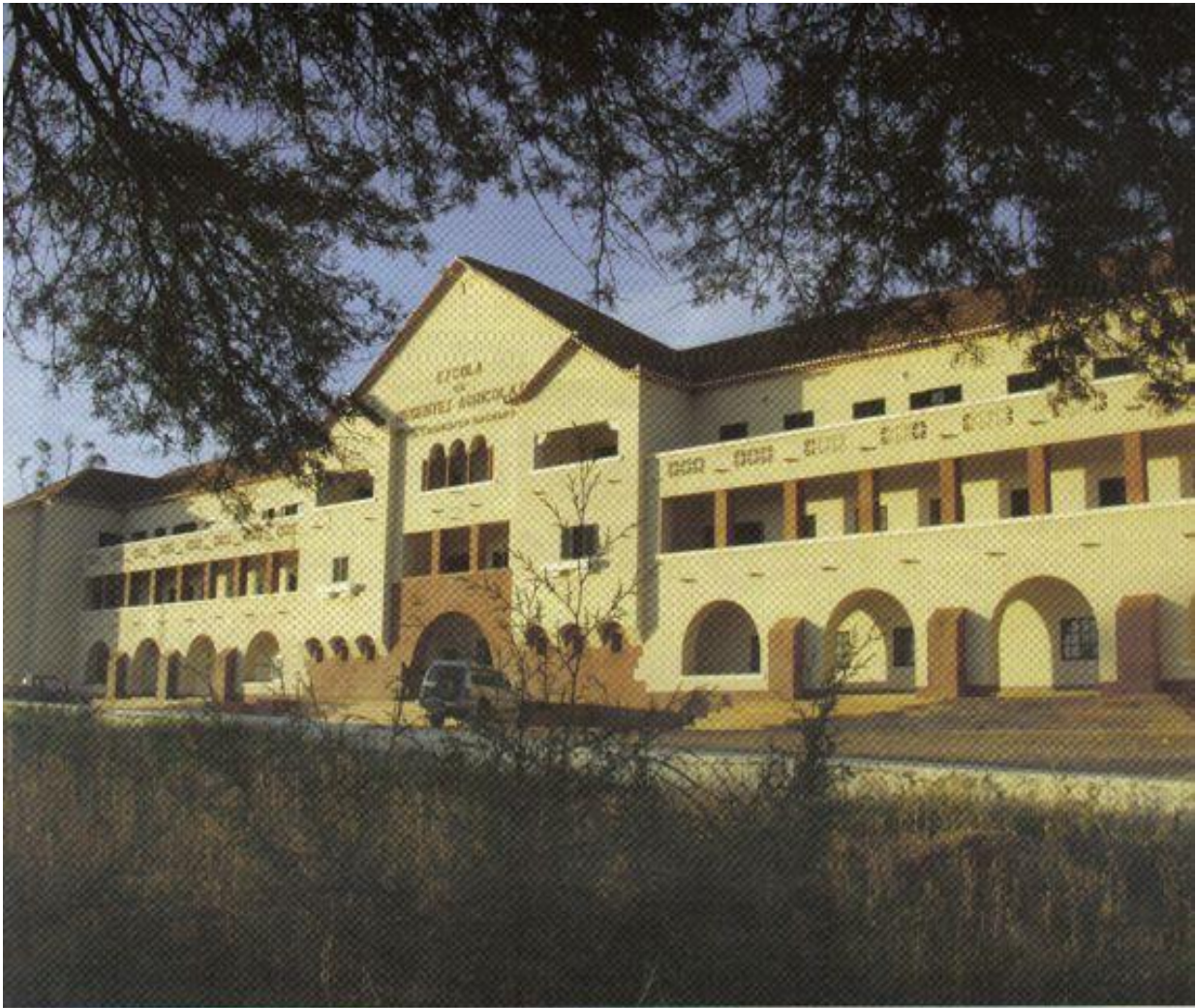
No momento considerado apropriado reuniram-se os antigos alunos, amigos e convidados para os actos oficiais. Depois dos discursos, dos agradecimentos e das promessas de regresso, pouco perceptíveis por não existir ajuda de aparelhagens sonoras, fez-se a distribuição de alfinetes de lapela, com o logotipo da Associação dos Amigos do Tchivinguiro, como lembranças do acto.

Foram os dois pontos altos do dia.

O almoço, servido pelo restaurante Enigma que já tinha provas dadas, foi encomendado pela organização para um máximo de cem convivas. À boa maneira destes encontros, estavam muitos mais. Mas chegou para todos. A única nota negativa foi a despesa ter sido dividida apenas por 30 elementos – os visitantes.

Como nota final chega-se à conclusão que soube a pouco. A muito pouco mesmo. Limitámo-nos a ver a ponta do iceberg. É necessário muito mais tempo para visitar outros locais, mais frequentados nos fins de semana indeferidos pelo regente de internato ou por questões financeiras: o desfiladeiro dos cavalos, a cascata seca, a cascata, as furnas e a sua lagoa subterrânea, o Bruco e o Chão da Chela entre outras belezas naturais que tão irresistivelmente nos atraíam. Pela diversidade da natureza, pelos efeitos da proximidade do deserto e pelos seus microclimas o Tchivinguiro é, sem qualquer margem para dúvidas, uma das regiões mais belas do mundo. É uma questão de se reconfirmar.





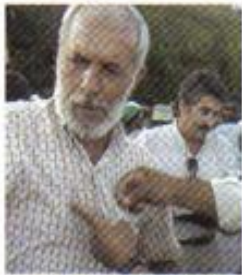






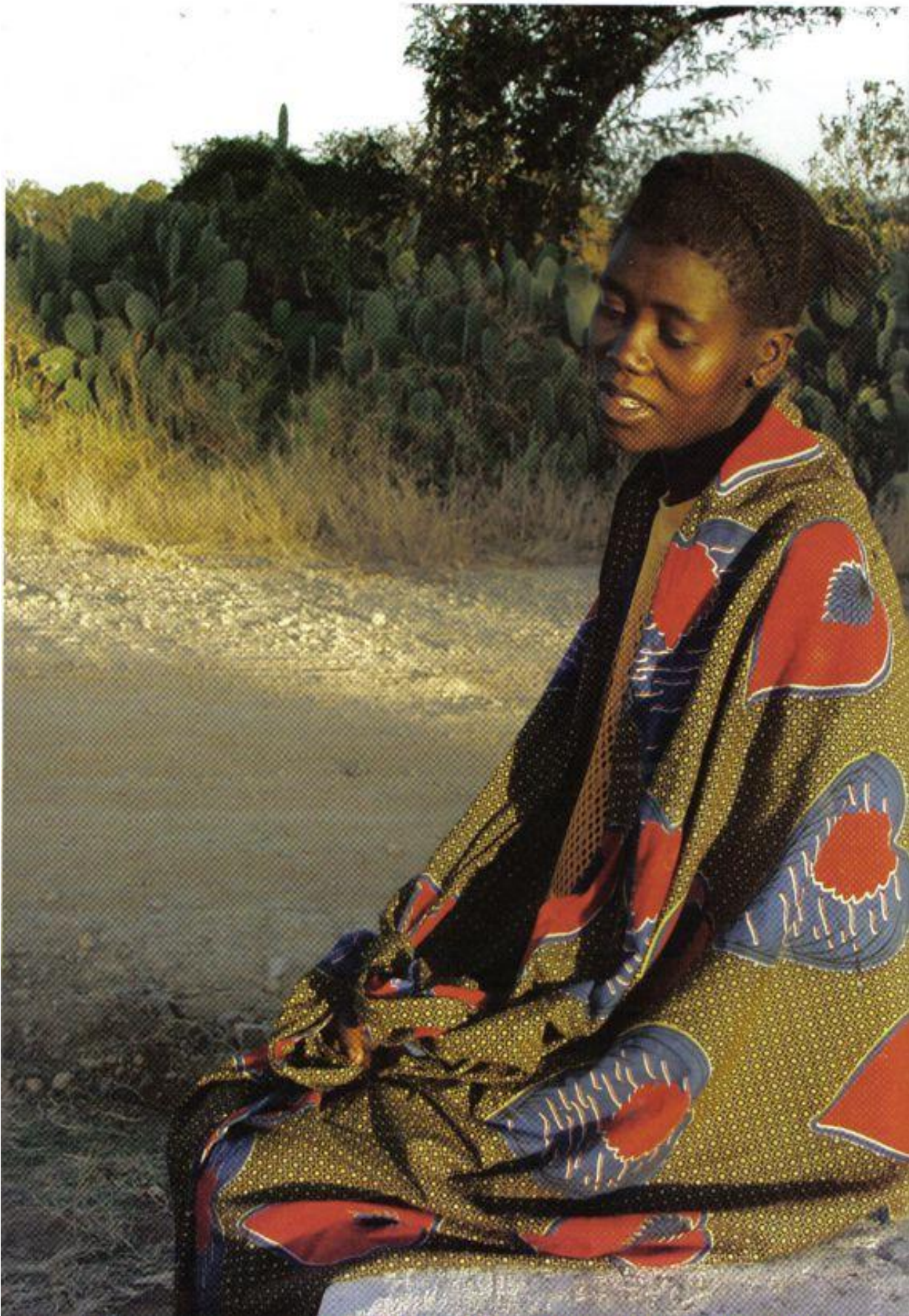








**SEXTO DIA**



## QUARTA-FEIRA, 11 DE JUNHO

**D**iz o dito popular que depois da tempestade vem a bonança. Ainda que faltassem dois dias para o regresso a Portugal, o objectivo da viagem estava alcançado e a adrenalina colectiva parecia ter baixado para níveis aceitáveis. Ou então era o efeito da ressaca que começava a abrandar os ímpetos.

Era dia de arrumar as malas e seguir para Luanda. Depois de se pagar a pensão. E aqui não dava para se tentar, sequer, as famosas saídas pela janela. Acabou por haver alguns problemas com o pagamento efectuados em divisas, unicamente por causa das notas de 100 dólares. Muitas destas notas apresentadas para saldar as contas, cambiadas em bancos de Portugal, ainda eram do tempo da esfinge central de Franklin em formato pequeno. Nos pagamentos comerciais privados em Angola, onde o dólar circula em concorrência pública com a moeda nacional, só se aceitam as novas notas de 100 dólares com a mesma esfinge de Franklin mas muito maior. São popularmente conhecidas pelas notas de cabeça grande, as que foram lançadas para baralhar a eficácia dos falsificadores de todo o mundo, segundo disse o Tesouro norte-americano na altura da alteração. No final tudo se resolveu a contento entre os clientes e com alguma flexibilidade por parte da gerência, mas fica o alerta para os futuros visitantes.

Para nos transportar viriam dois aviões cargueiros militares, por volta das três da tarde. Feitas as contas às horas ainda dava tempo para muita coisa. Estávamos em ponto de embraiagem. Houve quem decidisse arrancar para a cidade pelos mais diversos objectivos, houve quem ficasse nas mesas de jardim à porta do pavilhão do refeitório. Bebia-se a despedida e deu para confraternizar com o director suspenso da Escola, ouvindo os seus argumentos sobre o processo em curso de que era alvo.

Por volta das 11 horas chegou a informação que um avião cargueiro - que tinha sido visto a cruzar os céus da cidade - estava na pista à nossa espera. Era o primeiro e os pilotos eslavos já tinham matabichado no aeroporto. Estavam à nossa espera e, por acaso, nem tinham com que pagar o mata-bicho. Pormenores de esquecimento.

- Quantos estamos aqui? Quem pode contactar com o pessoal que foi para a cidade?

Estava o número suficiente para esgotar um avião, isto é, para quatro das viaturas contando com o espaço já ocupado por caixotes diversos. O resto, quanto a passageiros, é para ir enchendo as áreas que sobram entre os veículos e as paredes do aparelho.

Durante a viagem repetiu-se o mesmo esquema da vinda mas agora já o pessoal era batidão para dar conselhos, se fosse preciso. Ninguém tinha esquecido o caso do outro avião que abriu os portões no ar. Até já se sabia que quem ia sentado nas viaturas, para além do balanço do voo, também dançava com a suspensão. Esta

dança dupla provoca uma sensação que nada tem a ver com desporto radical nem sequer com comodidade.

Cerca de uma hora depois de boa viagem, ruidosa mas segura, chegávamos à capital. Para se ter autorização de aterragem demorou-se quase o mesmo tempo. O trânsito no espaço aéreo do aeroporto 4 de Fevereiro parecia o da 2ª circular de Lisboa, situação perfeitamente normal todos os dias. Ainda que fossemos para a base militar, na hora de ponta as excepções, as aterragens directas, são só para aviões de carreira e emergências.

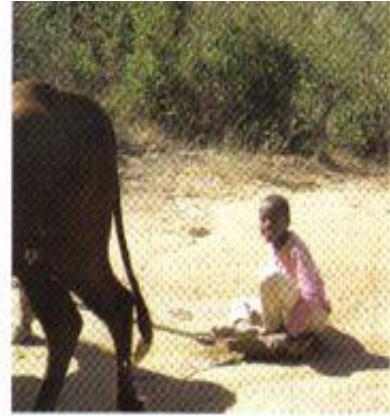
Finalmente Luanda. Depois da calma vivida nas províncias do interior, onde o dia-a-dia se desenrola nas calmas, com tempo para ter tempo, regressávamos ao reboliço frenético da capital angolana.

A organização tinha esquema montado para alojar os excursionistas. Quem tinha casa de família ou de amigos partiu para o seu destino - alguns elementos da comitiva ficaram em casa do Xico Faísca, em Viana - mas a maior parte do pessoal foi para a Vila Araújo, um complexo residencial nos arredores de Luanda, conhecido por ter um dos melhores restaurantes. Gentileza do proprietário.

No programa de actividades não havia nada estabelecido para o resto do dia. Cada um terá gozado à sua maneira. Luanda continua a mesma capital, cosmopolita o suficiente para todos os gostos. É tudo uma questão de nível financeiro, como em qualquer outra metrópole do mundo.







**SÉTIMO DIA**



## QUINTA-FEIRA, 12 DE JUNHO



O programa diário começaria por um encontro oficial com o presidente honorário do Reencontro no Tchivinguiro 2003, combinado para as 9 horas no Ministério do Interior, um edifício moderno na esquina da Avenida Marginal com o Largo da Igreja da Nazaré. A organização sublinhou que era mesmo às 9 em ponto porque o general Serra Van-Dúnem é conhecido por ser rigoroso no que toca a pontualidades. E foi.

À hora prevista entrámos para um salão de reuniões perfeitamente equipado para o efeito, ocupado na totalidade por uma mesa enorme, e começaram os discursos. Depois de o governante ter aberto a sessão, falaram os responsáveis pela organização em Lisboa e em Luanda e outros colegas da comitiva e residentes. Agradeceu-se e elogiou-se todo o apoio concedido ao longo da nossa estadia e a prontidão e eficácia com que foi executado. De destacar algumas intervenções, entre as quais a do Russo que fez uma breve e excelente análise, muito realista, da situação actual do desenvolvimento do sector agro-pecuário em Angola; as do Roso e do Faísca que incidiram sobre a preparação das bases para o lançamento de futuras parcerias entre a Associação dos Amigos do Tchivinguiro e diversas entidades governativas angolanas; a do Baptista que ofereceu as instalações da sua fazenda em Goiás, no Brasil, para estagiar alunos formados na ERAT e a intervenção do Gilberto Nunes que fez o mesmo tipo de oferta mas para a África do Sul, onde se encontra radicado desde que saiu de Angola.

Nota curiosa deste encontro foi o interesse demonstrado por quase todos os colegas nascidos em Angola mas residentes em Portugal, e talvez inspirados pelo facto do ministro do Interior também tutelar os serviços de migração e estrangeiros, em assumirem e regularizarem a sua identidade angolana.

O ministro escutou com atenção e respondeu a todas os assuntos apresentados. Fez um ponto da situação e votos que nos anos seguintes aparecesse mais pessoal. Ofereceu os seus préstimos e lamentou não poder prolongar mais o encontro mas os interesses superiores do Estado, neste caso a responsabilidade da moderação nas negociações para solucionar a tentativa de golpe de estado em S. Tomé e Príncipe, obrigavam-no a outras tarefas urgentes. Num salão contíguo ofereceu-nos uma refeição ligeira de doces e salgados e aconteceram as despedidas com promessas de regresso.

Foi realmente um gesto de elevada amabilidade e consideração, por parte do ministro angolano, ter sobrecarregado a sua agenda, em pleno frenesim diplomático, para nos escutar e se despedir.

Terminado o encontro lançámo-nos à estrada para realizar a segunda etapa do dia. A comitiva voltou a percorrer a Marginal rumo ao Porto de Luanda, arrastou-se a passo de caracol pela rua da Boavista, congestionada de carros, carrinhas e

camiónes de todo os géneros e subiu para a refinaria rumo ao Cacuaco. O objectivo era visitar o Pólo de Desenvolvimento da Funda, um projecto patrocinado pelas Nações Unidas para apoiar o desenvolvimento da agricultura local. Ao chegarmos ao município do Cacuaco a comitiva fez uma paragem de cortesia para apresentar cumprimentos aos responsáveis governativos da região, comandados pelo colega João Martins "Bócas", director provincial do Ministério da Agricultura para a província do Bengo.

A visita foi curta porque, para se respeitar a vasta agenda desse dia, era necessário distribuir com precisão os tempos. Isto em teoria, pelo menos.

O autocarro voltou a pôr-se em marcha, agora rumo ao Sequele onde iríamos visitar o Centro de Formação Agrícola inserido nas empresas Avinova e Terra Verde, um projecto desenvolvido por técnicos israelitas e angolanos. É um complexo agropecuário composto por culturas de estufa, aviários e fábrica de rações. Ainda que alguns colegas considerassem despropositados certos conceitos aí praticados, como as próprias estufas ou a rega do milho no sistema gota a gota dada a riqueza da terra e a fartura de águas, não deixa de ser uma exploração exemplar, com produtos de elevada qualidade que são vendidos ao público em geral a preços muito interessantes. Há muito boa gente que lá vai todos os sábados, religiosamente, para fazer o seu avio semanal, incluindo mariscos e pescado ao cabaz hortícola.

Ainda que, no Sequele, a administração tivesse gentilmente oferecido umas tapas à israelita - chocolates e biscoitos, refrigerantes e água - o certo é que a fome começava a apertar e estávamos a muitos quilómetros - e com muito trânsito de permeio - do local definido para o almoço, a residência do Xico Faísca em Viana. No entanto, depois de alguma discussão de pontos de vista e de estômago, concordou-se por unanimidade em prolongar a viagem uns quilómetros mais a norte para visitar a Fazenda Alice, a convite do seu proprietário, o Zeca Monteiro, que seguia com a nossa caravana. Fazia questão em nos mostrar, com orgulho justificado, a sua exploração de aviários modernos, mecanizados, e os pomares de citrinos.

De caminho passou-se pelo famoso rio Bengo, o das águas feiticeiras, completamente engarrafado de camiões cisternas que abastecem as centenas de depósitos existentes nas moradias melhor equipadas de Luanda. Um negócio da China, diz-se. Logo depois cruzámos Quifangondo, localidade imortalizada por ser a derradeira linha de defesa da capital, campo de batalha escolhido pelas forças armadas do MPLA para travar a progressão do exército zairense e dos mercenários, poucos dias antes da proclamação da independência, objectivo conseguido após ferozes e desesperados combates. Lá está o monumento em memória desse dia decisivo.

O acesso à fazenda do Zeca Monteiro é feito por uma estrada asfaltada muito bonita, ornamentada com palmeiras. Com a barriga a dar horas, esta visita acabou por ser feita em passo de corrida. A tarde começava a cair quando a comitiva rumou para casa do Xico Faísca. Para se evitar o trânsito da cidade optou-se pelas picadas transversais, poeirentas e esburacadas, que desembocam directamente em Viana. Foi um trajecto para esquecer. A demora foi tal que alguns dos colegas que nos esperavam no local, com fome e a olhar para a comida, não resistiram e atacaram o tacho.

A residência do Xico Faísca prima pela decoração de interiores e exteriores. É bastante grande e bem equipada. Que o digam os quatro ou cinco colegas que lá asilaram no período em que estiveram em Luanda para além da nossa viagem oficial. O pátio aberto da entrada estava preparado para uma verdadeira recepção, extremamente bem servido com pratos da gastronomia angolana e bebida a rodos. A maior parte do pessoal ainda por lá estava, de barriga vazia, quando o grupo se

reagrupou na totalidade. Foi a oportunidade de rever alguns colegas que ainda não tinham dado a cara, durante todo o tempo da excursão, por questões relacionadas com as actividades profissionais. O convívio, alegre e despreocupado, prolongou-se pela noite dentro. Sempre sob o olhar atento e discreto dos funcionários do Xico Faisca, requisitados ao seu restaurante da Fazenda dos Mangais, os serviços de apoio foram impecáveis.

Seria imperdoável não referir a atitude deste colega que deu uma verdadeira lição na arte de bem receber. Foi um anfitrião extraordinário, não olhando a despesas nem deixando de se preocupar com o conforto de cada um.

Para ele, um sincero "Ao alto, ao alto: Charrua!" público, com a mesma intensidade do grito lançado durante esta sua última recepção, da parte dos elementos que constituíram esta primeira comitiva:

- António Júlio Saraiva Roso
- Nelson João Santos Nóbrega
- Maria Filomena Lopes Azevedo Osório Nóbrega
- António Eusébio Penalva Loução
- Leonel de Jesus
- Eurico Helder Reis de Sousa Brito
- Fernando Batista Soares
- Manuel da Conceição Rodrigues
- Victor José Baamonde Pardo de Oliveira
- Maria Elizete da Costa Jardim Pardo de Oliveira
- António Pereira Gomes
- Luís António Madeira Pau Branco
- Rui Manuel Galhanas de Oliveira
- Rui Jorge Alves Rodrigues
- Rudolfo Romão Veiga
- Joaquim da Silva Simões
- José Pedro Carranca Lemos Moreira
- João Luis Calhaço Furtado Ramiro
- José Azevedo Batista
- João Manuel Dias Brás dos Santos
- Nuno Eduardo Ferreira Valente
- Manuel da Costa Zacarias
- João Pereira Lourinho
- João Luis Marques Lourinho
- António José Cunha Cordeiro Sousa Dias
- José Valadas Correia Faria
- António Pedro da Conceição Baltazar
- Gilberto Nunes











**OITAVO DIA**





## SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO

**A** comitiva estava definitivamente fragmentada, mas nada tinha a ver com a data considerada aziaga. Nada a assinalar no que toca a superstições. O único problema era a “difícil” obrigação de cada um em escolher a melhor opção para esse dia.

Ainda que o prato principal do dia fosse realmente aliciante - um passeio ao Mussulo, de tão boas recordações e elemento marcante no imaginário de muitos, especialmente dos luandenses - a maioria preferiu diluir-se pela capital em busca de realizações mais pessoais. Havia quem estivesse muito interessado em regularizar o seu bilhete de identidade angolano, por mero capricho, tipo troféu, ou mesmo como primeiro passo na preparação do regresso sempre desejado e sempre adiado. Esta viagem teve, pelo menos, o dom de dissipar muitas das dúvidas mais persistentes sobre o desenvolvimento do país e da sua realidade quotidiana.

O Mussulo está radicalmente diferente do embrião turístico instalado antes da independência de Angola. Como local paradisíaco que sempre foi, não é de estranhar que seja alvo de discussões apaixonadas sobre a melhor estratégia para o seu desenvolvimento. A querela que já se arrasta há demasiado tempo, sem se chegar a uma conclusão consensual e definitiva, continua limitada ao velho antagonismo: há os que defendem a preservação da sua natureza selvagem, não permitindo mais construções individuais para além das existentes, a não ser as destinadas a actividades de apoio aos turistas e à população autóctone. Assim o turismo a explorar seria na base do campismo sazonal e temporário. Por outro lado - e é o que vai prevalecendo - há os defensores da urbanização controlada e do desenvolvimento de áreas vocacionadas para um turismo de qualidade.

Foi este ambiente sofisticado que recebeu os elementos da comitiva. E valeu a pena. Vulgarmente reclassificada como ilha, talvez porque o seu acesso por mar é mais rápido e frequente, o Mussulo é uma península. Para lá se chegar é necessário fazer uma curta viagem até ao farol das Palmeirinhas para depois se entrar no istmo e seguir sempre pelos areais. Com jipe ou outro veículo de tracção às quatro rodas.

Não é por acaso que esta língua de areia se apresenta como um dos destinos predilectos de quem procura afastar-se, por horas ou por curtos dias, da agitação e do stress citadino. Desde que não tenha muitas preocupações financeiras. Quando se está no Mussulo está-se noutro mundo. E foi essa a sensação geral dos nossos visitantes que já não sabiam, depois dos petiscos e dos digestivos, se estavam em Angola, no Algarve ou em Espanha. As recordações que cada um trouxe do Mussulo são em tudo semelhantes às que têm de outras estâncias balneárias.

Os elementos da comitiva que optaram por permanecer na capital também tiveram oportunidade de descobrir uma nova cidade. A Luanda actual, numa perspectiva turística, alterou radicalmente os centros de animação pública. A cidade

adaptou-se à evolução da História. Nada tem a ver com o Baleizão nem com as esplanadas da Marginal, da Lello, do Quinaxixe, nem afins. A movida mudou-se para a ponta da Ilha, de vez. O metro quadrado aqui, para além da permissão de construção, vale ouro. Não admira que a actividade imobiliária esteja super-inflacionada para o rendimento médio per capita. Muito pior que a Baixa de Lisboa para os portugueses. A entrada da Ilha, à noite, é um festival de animação de rua. Até se geram conflitos de interesse entre os que andam a passear e os que vão para local definido com hora marcada.

A ponta da Ilha está completamente transfigurada. As praias vão sendo limpas mas o areal, deprotegido durante muitos anos, foi drasticamente arrastado pelas correntes marítimas. A Barracuda desapareceu do mapa, restam umas paredes. Agora, cheia de taipais e tabuletas, diz-se que pertence a uma cadeia internacional que vai fazer ali um hotel. Depois há uma série de novos concorrentes, respeitando a mesma filosofia comercial, oferecendo serviço de praia vigiada com esplanada, restaurante e animação *by night*, baptizados com nomes a condizer: Miami Beach, Coconut, Café do Mar, Bordão, Caribe. Há concorrência saudável e continuam a existir as tascas e os restaurantes de beira-mar para petiscadas ou almoçaradas. Para se ter uma ideia mais precisa da nova realidade, basta apreciar dois exemplos entre os restaurantes antigos da ilha: o Tamariz foi redecorado de alto a baixo e oferece uma excelente variedade de pratos, incluindo excelentes pizzas, sob orientação do seu proprietário italiano; o Pézinhos n'água virou cozinha indiana e chinesa. As mini-rulotes, em que se tropeça a cada passo, vendem bebidas frescas, sandes, pregos e outros petiscos a preços acessíveis.

Há vida nocturna para todas as bolsas em vários pontos da cidade. Restaurantes, pastelarias, bares, discotecas. Noite fora. A vantagem na ilha é estar tudo concentrado numa mesma área.

O custo de vida é semelhante ao de Portugal. Para a média local é extremamente elevado e muitíssimo mais para a média nacional.

Em Angola o seguro automóvel não é obrigatório e, talvez por isso, os acidentes são raros e a velocidade média é abaixo dos 50 à hora máximos permitidos em cidade. Há raríssimos aceleras na cidade. Primeiro pensa-se em quem vai pagar, do bolso, as despesas da oficina. Um acidente é uma questão com veredicto na hora. Para não variar, os condutores urbanos mais agressivos são os fogareiros, aqui conhecidos por candongueiros, que realizam o sonho de qualquer taxista: apanhar todos os passageiros que vão para onde ele quer ir, com circuitos pré-definidos tipo autocarro. Uma verdadeira praga de carrinhas de passageiros, a maioria japonesas, pintadas com a metade de baixo em azul cião e a outra em branco, equipadas com cobrador que grita o percurso a cada paragem. Quem anda de jipe ainda consegue impor a prioridade ou ganhar alguma vantagem intimidatória. Acima destes só os militares condutores de camião. O grande problema é o fluxo do trânsito, especialmente intenso nas horas de ponta, concentrado nas principais artérias. Nestes casos, para se ter acesso à via, é necessário ir metendo o pára-choques aos poucos e poucos enquanto os outros se vão desviando até não poderem mais e, então, avançar rapidamente.

O parque automóvel, tão caótico como o trânsito, está dividido em duas espécies distintas: por um lado a cidade está entupida com viaturas de outros tempos e em mau estado de conservação. São as que sobreviveram aos primeiros tempos da independência, as que foram adquiridas aos russos e aos brasileiros e as que foram importadas directamente dos mercados de usados da Bélgica, Holanda, França e também da Namíbia e África do Sul. Quando for obrigatória a inspecção

anual vai ser uma razia generalizada. Por outro lado as viaturas recentes são raras. As de topo de gama contam-se pelos dedos, excluindo os 4x4 e os Suv, aqui, como sempre, englobados na definição genérica de jipe. É vulgar encontrar jipes para todos os gostos e feitios, a gasolina e a gasóleo - é o tipo de viatura mais procurado e cobijado - com últimos modelos e versões que, em Portugal, muito poucos se podem dar ao luxo de ter. Até há jipes Porsches Cayenne.

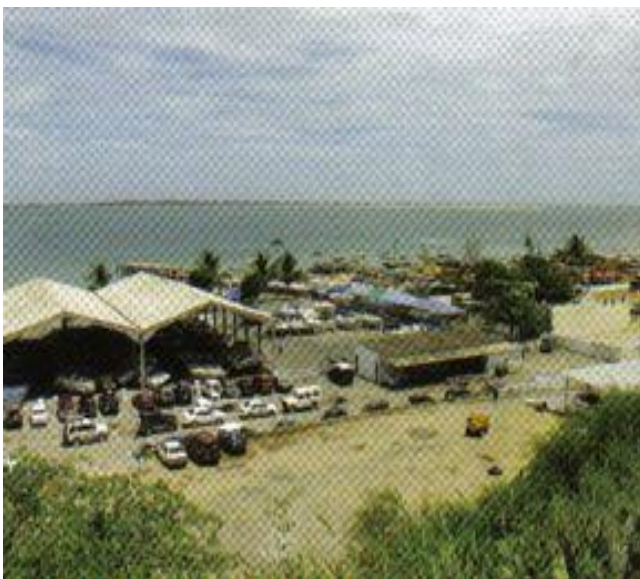
O perfil da cidade pouco mudou, de substancial, para além da elevação dos muros das casas a muralhas e da proliferação de parabólicas, de potentes geradores e de bombas de água. Adaptações à realidade da cidade. A construção habitacional de qualidade é feita, quase exclusivamente, nos arredores da capital para os lados do embarcadouro do Mussulo e antiga urbanização de Benfica. Os condomínios fechados estão na moda e têm mercado garantido. No perímetro urbano é visível a degradação de muitos edifícios. Alguns mamarrachos continuam imperturbáveis, como são os casos do prédio no Largo do Quinaxixe, o do largo da Maianga e o esqueleto frente ao Ministério da Defesa, para os lados do Hospital Maria Pia/Josina Machel. Há poucos edifícios construídos de raiz. A estratégia passa por acções de *lifting* ou modernização pontual da construção existente. Nesta área, a nota positiva vai para a construção, de raiz, da réplica exacta do Palácio Dona Ana Joaquina, uma obra que levantou muita polémica.

Mais evidente é a existência de alguns viadutos em zonas estratégicas, o primeiro logo à saída do aeroporto, e o embelezamento, com jardins e mobiliário urbano, de muitos largos e praças com destaque para a área frente ao antigo Liceu Salvador Correia, ou mesmo para o Largo da Independência, dedicado a Agostinho Neto, e para o novíssimo Largo do Quinaxixe dedicado à rainha Ginga.

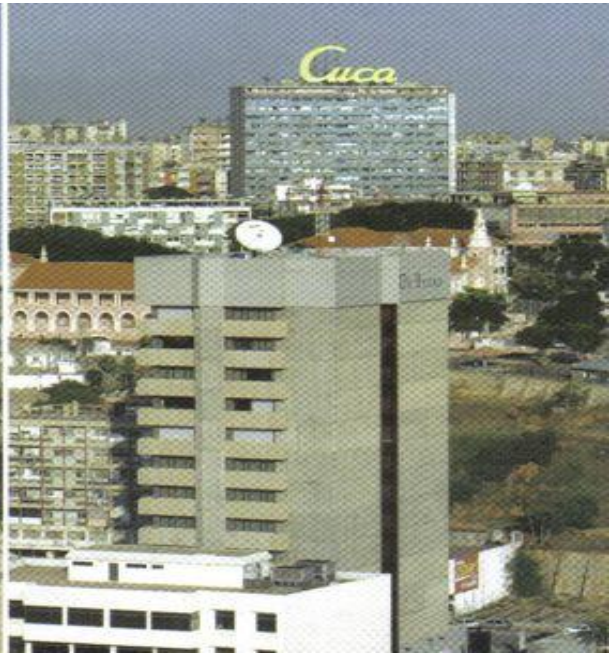
Pode-se dizer que Luanda continua a ser aquela cidade de contrastes e com a animação que sempre a caracterizou. Passados os anos mais difíceis da guerra e conseqüente afluxo de refugiados que exagerou a sua dimensão já macrocéfala perante o resto do país, a cidade parece despertar para assumir o papel que lhe é devido entre as grandes capitais. Acima de tudo continua a ser carismática, apelativa e hospitaleira.

Para gáudio dos "camundongos" ou dos "calcinhas", como se preferir, parece ter-se concretizado a sua velha máxima bairrista: Angola é Luanda e o resto é paisagem.

Este foi o último dia da viagem programada. Quando nessa noite o avião da Taag levantou voo rumo a Lisboa, já não levava a comitiva completa. Cerca de meia dúzia prolongou a estadia pelos mais diversos motivos. E os que foram garantiram voltar.









# COMO TUDO COMEÇOU...

Al Saraiva Roso

**P**or diversas vezes, principalmente quando recebia a convocatória para o nosso encontro anual em Portugal, me questionei sobre quando seria o reencontro no nosso Tchivinguiro.

Invadia-me, então, a nostalgia das nossas festas anuais e dos célebres almoços no caramanchão onde, forçosamente, aconteciam picardias provocadas pelo nervosismo que antecedia a mais concorrida garraizada da nossa Banda. Com a Monumental da Ganga a transbordar, cheinha de visitantes, admiradores da rapaziada e carregada com os melhores borrachos do mundo, fazíamos as faenas, as chicuelinas e as pegas de caras mais deslumbrantes, valendo aos mais valentões, já com tintol à mistura, umas escoriações de pouca gravidade, tratadas na enfermaria da nossa Escola, pelo Stuart, pelo Grácio ou até mesmo pelo Cachapa, com a aplicação eficiente de uma compressa e mais álcool ainda.

Mas não era só a nostalgia destes acontecimentos marcantes para todos os tchivinguiristas. Era também o peso dos ausentes. Olhava para toda aquela nossa maralha e faltava sempre alguém. Assaltavam-me as recordações dos momentos vividos com tantos, que iam desde as *bruxas às bubas* no Caholo, às incursões ao Chão da Chela ou ao Bruco, ou às escapadelas nocturnas para satisfazer outros desejos. Ou mesmo as nossas jogatanas de futebol onde o Mikocas, o Bisgas, o Vadinho, o Moura, o Gibóia, o Camarnas, até o Xarope, davam verdadeiros *shows* de bola, cada um à sua maneira. E as lesões de circunstância, imediatamente tratadas com saber e arte pelo nosso Mona Lisa, incentivador dos nossos dotes

futebolísticos durante os longos trumunos naquele que, para nós, era o melhor estádio do mundo.

Nos almoços, em Portugal, encontrava-me com o Camartelo, o Olongo, o Sapo, o Mona, o Carabineiro, o Abortão, o Tanso, o Peninha, o Cabeças, o Berar e sempre a presença marcante dos hidráulicos. Mas onde estavam o Bócas, o Bugue, o Joãozinho da Meia, o Pancho, o Boi, o Palmira, o Bossa Nova, o Coco ou o Faquir? Sabia também que alguns já tinham partido: o Bolão, o Maimon Zito... Mas era preciso, necessário e fundamental, o reencontro no berço, na Escola, no Tchivinguiro.

Em Março de 2002 o Jóneca Saraiva, o Olongo, "obriga-me" a promover o nosso almoço anual em substituição do colega Leonel de Jesus que teve dificuldades de última hora. Apesar das muitas dificuldades lá se fez o almoço a 25 de Maio de 2002 em Lisboa, no "Pátio dos Leitões", propriedade de alguém que também passou pelo Tchivinguiro, nos primórdios.

Como se comemorava o cinquentenário da entrega do primeiro diploma da nossa Escola de Regentes Agrícolas ao prestigiado colega Gil Donato, entendi - com o parecer favorável de muitos colegas, entre os quais o Jóneca e o Rui Galhanas - aproveitar a oportunidade para se homenagear não só o citado colega, mas todos os colegas do 1º curso de Regentes Agrícolas efectuado em Angola, bem como o antigo Director da Escola, Eng.º Frazóia.

Para dar ainda mais prestígio ao acto, convidámos o mais alto representante de Angola em Portugal, o então Embaixador Osvaldo Serra Van Dúnem. Garantiu de imediato a sua presença na cerimónia, manifestando também

interesse em participar na nossa festa já que se sentia membro da família tchivinguirista através do seu irmão, o colega Leonardo Serra Van Dúnem. A sua presença foi acarinhada e enaltecida por todos nós durante o evento. No calor das manifestações de regozijo alguém, no meio de tantos, aventou a hipótese de se fazer o almoço do ano seguinte em Angola, na nossa casa mãe, a Escola do Tchivinguiro. Como todos nos recordamos, o então Embaixador disse:

- Porque não? Vamos a isso.

Na altura fiquei, como todos nós, muito emocionado. A razão obrigou-me a manifestar, publicamente, algumas reticências no modo e na forma de se organizar tal evento. Mas o diplomata angolano manifestou o seu apoio a esta realização com tanta veemência que, a partir daí, foi um ver se te avias de conversas telefónicas com algumas reuniões de permeio. Criou-se logo uma comissão com o Bruno de Sousa, Galhanas, Loução, Jóneca e mais os que quisessem. Circulares e notas de apresentação, bem como fichas de inscrição, foram enviadas a todos os colegas. Em retorno houve poucas respostas positivas. Muito poucas. Uma desilusão! Colegas que sempre se tinham manifestado muito entusiasmados com a possibilidade de fazermos o almoço no Tchivinguiro, recuaram na hora da decisão. Inexplicavelmente.

Entretanto o general Serra Van Dúnem foi nomeado, pelo Governo de Angola, como mais alto responsável pelo Ministério do Interior. No entanto, depois de assumir o novo cargo manteve o desejo de promover o que se tinha apazado em Lisboa. É bom lembrar que os elementos do grupo organizador o tinham eleito, por aclamação, Presidente da Comissão de Honra do Reencontro no Tchivinguiro.

É nesta altura que entra o Xico Faísca. Muito aceleradamente elabora um programa e mete o Pacaça ao barulho, com anúncio na *net*. Já não havia "arrecuas", era preciso tocar o bicho prá frente. Estava decidido: iam os que fossem. Mas... começa a aparecer a desinformação e marca-se o almoço anual para Leiria. Chiça! Caramba! Porque carga d'água a malta não acredita? "Muita combersa", "muita descrença" e já com um espíritozinho "tuga": maledicência e desconfiança.

"Não, não pode ser" – pensei. Aqueles que punham tantas objecções já não eram os mesmos que há 30, 40 anos nos ensinavam: vale mais quebrar que torcer. Os veteranos que nos obrigavam a cumprir com a tradição tchivinguirista. Na assistência, o Pacaça diz alto e em bom som: "Eh pá, vão os que forem". E, com mais calor ainda, outro arrebenta: "Vão poucos mas bons!"

Começaram os contactos com os que tinham manifestado o desejo de estar presentes no Reencontro. Era preciso andar depressa e bem, desencadear todo o processo: vistos de entrada em Angola, garantia dos lugares no avião para ida e volta, cálculo de despesas previsíveis, colectar os pagamentos. As amizades, as boas vontades - desde a côsul-geral angolana, Dr<sup>a</sup> Elizabeth Simbrão e seu *staff*, passando pelo meu bom amigo Pombeiro e pelo delegado da Taag em Lisboa, o conterrâneo Abílio Fernandes - fizeram o resto até ao almejado dia do embarque.

Para que se saiba - e podem perguntar a quem viveu esses momentos - foi uma viagem de sonho. Ninguém dormiu. À boa maneira tchivinguirista, as "bu...úidas" esgotaram. A tripulação compreendeu. O comandante Pratas acelerou e o Jumbo da Taag chegou ainda mais depressa à Banda porque aqueles trinta gajos estavam cheios de saudade.

À chegada fomos nós que sentimos as emoções e o calor do "Ao alto, ao alto" dos nossos irmãos angolanos. Obrigado a todos pelos momentos inesquecíveis que vivemos!



# RESENHA DA VISITA AO TCHIVINGUIRO

Francisco Faisca

**A**o longo de vários anos, por altura da comemoração do dia do Tchivinguiro, um dos desejos mais partilhados por todos os participantes dessas comemorações (e não só) era o de que, no ano seguinte, o 10 de Junho pudesse ser celebrado em pleno Tchivinguiro, revivendo *in loco* alguns dos momentos áureos e tão intensos que, nostalgicamente, se foram mantendo gravados na memória de todos quantos, de algum modo, estiveram ligados a esta grande escola e que tiveram o privilégio de poderem viver e testemunhar a grande paixão que a todos marcou. Para sempre!

Ano após ano, esse desejo nunca deixou de ser formulado. Mas, por um motivo ou por outro, foi ficando adiada a sua concretização até que, em Janeiro deste ano, consciente das muitas dificuldades que teria de enfrentar, mas também encorajado pelos novos tempos de mudança que, em Angola, enchem a todos de esperança e optimismo, assumi que teria de fazer tudo quanto estivesse ao meu alcance para impedir que o 10 de Junho que estava para chegar não ficasse, uma vez mais, marcado pelo adiar de um sonho que tardava em realizar-se.

Entusiasmado pela alegria que haveria de ver estampada nos rostos dos que aceitassem participar, fui encetando as necessárias diligências e estabelecendo os indispensáveis contactos. Alguns foram mesmo imprescindíveis e, sem eles, duvido que tivesse sido possível levar a bom porto esta iniciativa, pelo que destaco aqui a colaboração recebida de todos quantos contactei no sentido de ajudarem a viabilizá-la (colegas e não só), nomeadamente: Osvaldo Serra Van-Dúnem, Gilberto

Lutucuta, Saraiva Roso, Brás dos Santos...

E foi assim que a 5 de Junho teve início o tão aguardado reencontro com o Tchivinguiro e que motivou, em Luanda, a seguinte informação:

*"Chegará amanhã, dia 6 de Junho, ao aeroporto internacional de Luanda, com proveniência de Lisboa, um grupo composto por várias dezenas de ex-alunos da famosa e prestigiada instituição de ensino angolana "Escola Superior de Regentes Agrícolas do Tchivinguiro.*

*Estes ex-alunos do Tchivinguiro, licenciados na década de 70, hoje experientes e conceituados profissionais nas suas áreas de actividade em Portugal, serão recebidos à chegada por dezenas de outros colegas residentes em Angola, após o que se juntarão em comitiva rumo ao Sul de Angola, mais concretamente ao Tchivinguiro (como não poderia deixar de ser!) onde, ao longo de oito dias, tratarão de "matar algumas das saudades" que o tempo não conseguiu apagar!*

*Contando com o apoio e empenho pessoal de algumas ilustres personalidades, nomeadamente alguns ministros angolanos (Eng. Gilberto Lutucuta e Dr. Osvaldo Serra Van-Dúnem, também ex-alunos do Tchivinguiro) e o embaixador de Portugal (Dr. Francisco Xavier Esteves), esta visita incluirá também uma passagem por outros locais emblemáticos de Angola, como a Humpata, a Cahama, o Namibe e o Lubango.*

*Após a recepção de boas vindas, a que se seguirá um passeio pela cidade de Luanda, este simpático grupo de "charruas" (nome pelo qual, orgulhosamente, são conhecidos os ex-*

alunos do Tchivinguiro), antes da partida para a Huíla, dirigir-se-á para a Barra do Cuanza onde, no restaurante “Varanda dos Mangais” ([www.mangais.com](http://www.mangais.com)), fará, a partir das 12:00 horas o seu primeiro repasto deste périplo, uma oferta do seu proprietário... afinal, também um dos “nossos charruas”: o Eng. Francisco Faísca que, em colaboração com outros “charruas”, nomeadamente os Eng.º Saraiva Roso e Brás dos Santos (residentes em Portugal), organizou o presente périplo por terras angolanas.

Para além do prestígio ostentado pela Escola do Tchivinguiro, berço de alguns dos mais conceituados engenheiros técnicos agrários angolanos e portugueses, destaca-se igualmente o peso da sua forte tradição académica, emblemática de um passado universitário rico em irreverência e companheirismo, símbolos de uma fraternidade ainda hoje evidente... e de que Angola e Portugal se devem orgulhar”. Após o citado repasto da Barra do Cuanza, e penetrando já na Reserva Natural do Parque Nacional da Quiçama, o grupo fez-se à estrada a caminho da base aérea de Cabo Ledo (agradecimentos pelo apoio concedido: Sr. General Pedro Neto, distinto colega Sr. Brigadeiro Zé Tavira, Sr. Brigadeiro Meno e Sr. Comandante Fonseca Cruz), de onde levantou voo munido de algumas viaturas 4x4 para melhor se enfrentarem as aventuras que chegariam mais a sul.

E, mais a sul, foi com especial alegria que pude assistir à emoção sentida pelos meus colegas que, tantos anos depois, voltaram a estar “cara a cara” com a mítica Escola do Tchivinguiro - verdadeira catedral do Saber no que toca à agro-pecuária.

Mesmo entre aqueles que já lá tinham voltado em outras ocasiões mais recentes, foi possível adivinhar algumas das recordações que a emoção não deixava esconder dada a presença simultânea, e *in loco*, de tantos charruas, cúmplices de tantas experiências inesquecíveis.

Em 7 dias foi possível visitar vários locais de referência, tais como:

Luanda - Lubango (Tchivinguiro) - Humpata - Cahama (Chibia, Chimbolelo) - Namibe (Leba)

Houve dificuldades? Houve contratemplos? Claro que sim. Todos ultrapassados em devido tempo e, cá para nós, sem eles não haveria

tanta aventura. Aventura essa que também contribuiu decisivamente para que este périplo se tornasse inesquecível.

Em jeito de balanço final, apraz-me dizer que este reencontro com o Tchivinguiro foi, unanimemente, considerado um sucesso! Foi também um reencontro desejado e emocionado com Angola para algumas dezenas de charruas vindos de outros continentes. Em nome de todos os outros charruas que residem em Angola, posso afirmar que foi um enorme prazer receber todos aqueles que, com maior ou menor dificuldade, conseguiram vir da África do Sul, do Brasil e de Portugal para poderem testemunhar este encontro do presente com o passado... quiçá, espreitando também o futuro!

## Dia 8 - Cahama

O prazer que se sente quando penetramos nesta região de belas paisagens ainda vai permitindo atenuar as dificuldades com que temos de nos deparar para lá chegarmos. Mas, de facto, as condições em que se encontram as vias de acesso constituíram uma das adversidades menos agradável desta fase da viagem.

Como compensação pelo enorme desgaste e cansaço provocado pela viagem, tivemos uma excelente noite de descanso na Pecu (agradecimentos ao Eng. Galvão Branco). Na manhã seguinte, ainda na Pecu, visitámos o matadouro e seguiu-se o almoço, no qual o Governador do Cunene nos deu o prazer da sua presença. Em outra ocasião, teríamos também oportunidade de estabelecer contacto com o Governador da Huíla. Aliás, cabe aqui uma especial palavra de apreço e agradecimento pela disponibilidade evidenciada por algumas personalidades políticas angolanas, nomeadamente ministros e governadores, que prestigiaram a nossa visita com as suas presenças.

Uma palavra também para a interessante e agradável feira de gado na fazenda do criador Rocha e, como não poderia deixar de ser, também para a habitual simpatia dos “chicorinhos”.

# AS EMOÇÕES SENTIDAS NA VIAGEM

Al Saraiva Roso

Muita emoção à chegada a Luanda, às 5:25 do dia 6 de Junho de 2003. Aeroporto preparado para receber a malta do Tchivinguiro, com o Faísca e seu *staff*, bem como a amizade e benevolência das autoridades angolanas para que as formalidades fossem cumpridas de uma forma indelével e a quem, vivamente, queremos expressar os nossos melhores cumprimentos e agradecimentos. Lá fora, muita malta, muito abraço emocionado entre aqueles, como o Ruano Conceição, que tinham saído há quase trinta anos. Até os durões choram.

Meios disponibilizados e aí vamos nós até à Ilha de Luanda para o pequeno-almoço no Hotel Panorama. Passeio pela cidade e rumo à Barra do Quanza onde o Xico Faísca nos recebeu principescamente. Muito obrigado Francisco Faísca e seu *staff*!

Atravessamos o rio Quanza e na base aérea estava o avião que nos levou até ao Lubango, com viaturas e também uma equipa da RTP-África, liderada pelo primo Pazoka Fernandes. Viagem de 55 minutos, muito agradável, com entrevistas televisionadas e muita cerveja. Muito obrigado generais Tragedo e Zézinho Tavira. Tchivinguiro, sempre!

Chegada ao aeroporto da Mucanca, no Lubango, antiga Sá da Bandeira. Mais amigos e companheiros à chegada e mais emoção ainda. Caprego, Edgar Macedo! Lusco-fusco da Senhora do Monte e dormir nas instalações do PNUD. Muito obrigado pelas atenções recebidas.

Sábado, dia 7 de Junho, fogo no bicho e lá fomos até ao Tchimbolelo. Passagem

obrigatória pelo Dezassete e uma longa paragem na Chibia, com pensamento no Camões e Torrinha: tanta desconfiança na concretização desta viagem! Tchimbolelo - Dia do Criador - um bem-haja a todos que nos deram a honra de nos acarinhar, especialmente o ministro Kundi Payhama, um muito obrigado ao Sr. Francisco Rocha, nosso anfitrião.

Viagem de regresso, com a comitiva tchivinguirista dividida: metade para a Cahama e a outra de regresso ao Lubango. Qualquer das viagens feitas noite dentro, com chegadas ao destino de madrugada, saboreando o pó vermelho e os "makungos" das picadas.

Domingo, dia 8, foi andar e ver, com muita atenção, a velha Sá da Bandeira: a Florida, a Senhora do Monte, o Cristo Rei, a Tundavala. Tantas estórias p'ra contar. Até com um almoço de frango cabiri e uma farra na antiga pastelaria Okapi.

No dia seguinte, viagem até ao Namibe/Moçâmedes. A serra da Leba continua linda, com curvas e contra-curvas e vontade de voltar, o Posto do Caracúl, Vale do Giraúl e Moçâmedes, princesa do deserto, do Namibe. Praia das Miragens, Torre do Tombo, Fortaleza e Marginal. Um almoço com muito peixe e marisco, com muita malta amiga. Até perguntaram pelo Sapo, Pancho, Tendinha, Joãozinho da Meia, Farol, Xarope. Vá lá que o Simões fez as honras da casa.

Finalmente chegou o dia e a hora. Depois da Senhora do Monte, Humpata, Caholo e o nosso Tchivinguiro. Quanta emoção!

Internato, Pavilhão de Aulas, tudo muito igual ao que eu deixei na minha saída em 1969. Antigos funcionários à nossa chegada. Querer ver tudo, com um assalto às memórias, às recordações: camaratas (transformadas em quartos), refeitório (transformado em quartos) onde recordei os nossos bailes, únicos em Angola, com a obrigatoriedade do nosso fato de gala e do *smoking*, os nossos "safos" às miúdas mais giras de Sá da Bandeira e arredores e o grito instintivo em uníssono - paaaga! - quando se

partia qualquer coisa; mas, no exterior, tudo muito igual ao nosso tempo com a designação de "Escola de Regentes Agrícolas - Dr. Francisco Machado". Muitas fotografias, com abraços ao Palmira e ao Sandokan, verdadeiros resistentes ao tempo e ao modo, que tenham saúde para continuarem.

Almoço do Tchivinguiro, o reencontro. Muito bem servido pela sobrinha do Bócas, a quem dizer muito obrigado é pouco! Um repasto à maneira, servido a mais de uma centena de convivas

## **BASES DAS PROPOSTAS DE PARCERIA ENTRE A AAT E ANGOLA**

Regresso a Luanda e muita actividade junto de algumas entidades e instituições.

Recepção e reunião com o ministro do Interior, a quem devemos agradecer tanta gentileza e consideração. Nesta reunião apresentaram-se algumas propostas sobre as parcerias que se podem desenvolver entre a Associação dos Amigos do Tchivinguiro e diversas instituições angolanas.

Foi nomeado um grupo de trabalho para análise e reflexão e para elaborar a documentação necessária para implementação dessas parcerias. É bom fazer recordar os nomeados:

- Residentes em Angola: António Joaquim Russo, Cândido Borges da Cunha, João Martins, Fernando Sousa Pereira e Francisco Faisca;

- Residentes em Portugal: AJ Saraiva Roso, Eusébio Loução, Nelson Nóbrega, Jaime de Jesus e Rui Galhanas.

Também se recorda a intervenção do colega José Azevedo Batista, residente no Brasil, em disponibilizar a sua propriedade e conhecimentos técnicos para que jovens técnicos angolanos, a sair da Escola do Tchivinguiro, possam fazer estágios profissionalizados no outro lado do Atlântico. Igualmente o colega "sul-africano" Gilberto Nunes ofereceu disponibilidades para o mesmo efeito na África do Sul.

Para essas parcerias disponibilizámos todos os tchivinguiristas para:

- Formação profissional agrária a instituições nacionais em Angola.

- Acompanhamento de projectos de desenvolvimento rural.

- Consultoria em projectos de desenvolvimento rural.

- Acompanhamento de projectos de fixação de populações no meio rural.

- Consultoria em projectos de fixação de populações no meio rural.

- Docência no ensino agrícola e pecuário, a todos os níveis.

- Acompanhamento de projectos e actividades de investigação e experimentação agrária.

- Acompanhamento técnico de explorações agro-pecuárias.

- Acompanhamento de projectos de investimento de domínio agro-pecuário.

Este conjunto de intenções foi apresentado, pelo grupo que ficou em Luanda, ao ministro da Agricultura, o "nosso" Gilberto Buta Lutukuta. As propostas foram analisadas numa reunião conjunta e mereceram palavras elogiosas e de agradecimento por parte do governante angolano.

Tenho a convicção que todos nós continuamos disponíveis para dar, uma vez mais, o nosso contributo para o desenvolvimento social e económico da terra que muito amamos.

## OPINIÃO DOS PARTICIPANTES

### Elizete Pardo de Oliveira

#### O meu regresso a Angola... 28 anos depois!

Nasci, cresci e sai de Angola, casada e grávida do meu primeiro filho, nas circunstâncias que todos conhecem e que, depois de uma passagem curta pela "Metrópole", me levaram a terras do Brasil, onde morei 5 anos e onde nasceram os meus dois filhos. O destino fez-me regressar a Portugal onde organizei a minha vida pessoal, familiar e profissional e que me tem permitido conhecer uma boa parte do Mundo. As saudades da minha infância e da minha juventude sempre foram muitas, mas a ansiedade acentuou-se quando, há três anos, me desloquei em serviço a S. Tomé e Príncipe. Aquele ambiente africano despertou em mim uma vontade louca de voltar a Angola e a oportunidade surgiu com a comitiva dos antigos alunos do Tchivinguiro. Quando soube pensei: não perco esta viagem por nada desta vida! E ainda bem. Tudo para mim foi muito bom. Bem, quase tudo: não gostei, por exemplo, das viagens de ida e volta, mas todo o resto compensou este desconforto.

E a "coisa" foi assim: eu não conhecia o programa da viagem. Só sabia que tinha de estar no aeroporto de Lisboa às tantas horas, que o destino era o Lubango e que o 10 de Junho seria no Tchivinguiro. Ponto final. Também não interessava nada, eu estava de férias, carregadinha de stress que precisava de desanuviar, ia de turista e queria mesmo era rever a minha terra, descansar e divertir-me. As surpresas sucederam-se ao minuto logo após a chegada ao aeroporto de Luanda mas apenas me vou referir aos aspectos que me marcaram, me sensibilizaram, me deixaram a pensar.

#### Deslocação para o Lubango

Em avião da Força Aérea, com as respectivas viaturas para as deslocações em terra. Aterrei no aeroporto da Mucanca - não cheguei a saber se ainda se mantém com este nome - na cabine do comandante, bem segura à sua cadeira, e assim se deu o meu reencontro: com a serra da Leba, com o Cristo Rei, com a minha juventude. As minhas emoções não foram visíveis, manifestaram-se fisicamente - eu dava choques - o que quererá dizer que fiquei eléctrica!

Chegámos ao fim do dia e, como à noite todos os gatos são pardos, o Lubango estava lindo. De dia não é bem a mesma coisa mas, vá lá, depois de quase trinta anos de guerra, sem obras de conservação, o pior são os muceques que invadiram todos os espaços urbanos vazios. Mas é notória a intenção de mudar. Para além de intervenções urbanísticas, no âmbito do arranjo de espaços públicos, é visível uma tendência para a revitalização/modernização do comércio. A Senhora do Monte está bem e recomenda-se, pelo estado de conservação, pelos Reais Paços de Maconge e pelos dois belos restaurantes de que dispõe: Somitur e Enigma.

Uma manhã, a correr de um lado para o outro, permitiu-me visitar e relembrar muitos espaços e lugares, como a

Tundavala de onde trouxe um saco com terra e pedras que hoje, devidamente acondicionadas num pote de vidro, abrilhantam a decoração da minha sala.

Tomei duas vezes banho de canecal! Teria sido um vê se te avias se isso me acontecesse cá. Lá, foi uma festa!

#### A viagem à Cahama

Foi um acontecimento marcante pelo à vontade com que nos deslocámos, noite fora, numa zona por onde a guerra deixou as suas marcas, pelo espírito aventureiro do grupo, mas, principalmente, pela constatação da forma de agir das pessoas. Para além de não haver stress, a entajuda é um facto. Por exemplo, o jipe em que me deslocava funcionava a gasolina. Precisava de ser reabastecido e não havia gasolina no único posto de abastecimento da Cahama. No entanto ninguém entrou em pânico pois eram várias as alternativas: os militares do aeroporto deveriam ter, senão no matadouro da Pecu havia uns 20 litros e, em último caso, trocava-se de jipe. E foi mesmo o que aconteceu! Ficou lá o nosso jipe e regressámos num jipe da Pecu. Para quem vive o stress e o "umbiguismo" com que nos defrontamos no dia a dia, esta foi uma passagem marcante.

Ainda nesta viagem foi muito interessante a recepção inesperada feita ao João Lourinho, o Seculo, pelos antigos empregados das duas fazendas que ele lá deixou, quando chegámos ao aeroporto da Cahama para ir esperar o Governador que vinha almoçar connosco. Nem nós sabíamos que íamos lá estar porque esta viagem extra-programa foi decidida durante a noite em pleno entusiasmo acumulado durante o dia na Festa do Criador. Como dizia o Pocação, a "mucanda" circulou depressa durante a noite.

#### A viagem ao Namibe

Nada de especial: fomos do Lubango até lá para beber cerveja e comer marisco. Eu só bebo vinho. Fizemos a viagem toda em estrada novinha, acabada de pavimentar e com risquinhos brancos no chão, que é como quem diz, com sinalização horizontal. Depois da viagem à Cahama onde os buracos têm pouco asfalto, isto foi um achado.

#### O dia do Tchivinguiro

A Escola acaba de ser recuperada e está muito bem equipada mas não estava a funcionar. Não percebi muito bem porquê. Alguns professores estavam lá, e alunos também.

O almoço foi simpático, juntou bastante gente e foi caro. Ali houve alguma desorganização, mas também fazia parte da aventura. Estavam presentes antigos funcionários da escola que reconheceram o Neno. Foi uma festa!

#### O regresso a Luanda

Luanda está um caos. Muceques por todo o lado. Os prédios (não serão todos) não têm elevador, nem luzes nas escadas e,

## OPINIÃO DOS PARTICIPANTES

às vezes, nem água. O comércio faz-se principalmente na rua onde se compra de tudo, desde o pão ao frango já morto, iogurtes, etc., etc., tudo ali devidamente exposto ao sol, à beira de quase todos os caminhos, estradas, avenidas. No meio daquele caos há autênticos paraísos isolados por muros (paredes meias com o muceque) onde é possível desfrutar de todo o conforto e comodidade, vilas, esplanadas, empreendimentos turísticos. Dizem os que lá moram que há de tudo no mercado: alta costura, cosmética, estética, iguarias...

Umhas visitas de estudo entre Luanda e Viana, passando pelo Cacucaco, mostraram o que se está a fazer no âmbito do desenvolvimento rural. Contestada por uns, aplaudida por outros, a mim agradou-me particularmente uma empresa agrícola, de capitais maioritariamente israelitas, que desenvolve um projecto integrado de produção e comercialização de hortícolas para consumo em fresco, em regime intensivo e extensivo. Na minha opinião, a produção intensiva foi uma opção estratégica perante uma conjuntura em que a procura é maior do que a oferta. Não discuto a tecnologia utilizada, porque não é o meu domínio, mas o que me foi dado ver mostrou-me um produto final com muita qualidade e aparentemente competitivo. Registei também o trabalho social que a empresa desenvolve, paralelamente, junto das populações locais.

### Visita inesquecível ao Mussulo e o regresso a Lisboa.

Fui de férias e com espírito de turista. Regressei com uma vontade louca de ir para lá reabilitar a Fazenda Jamba, onde

passsei boa parte da minha infância, e que hoje está muito abandonada. Dormindo acordada, sonhando com olhos abertos, já estruturei um projecto de Desenvolvimento Integrado para aquele espaço! Mas também essa febre já me passou! Rapidamente voltei ao frenesim da minha nova vida.

De Angola trago a convicção que os nossos amigos que nos receberam lá, passaram um período de muitas dificuldades, a todos os níveis, mas que hoje desfrutam de uma vida confortável. Estão invariavelmente muito bem estruturados em termos económicos e muito bem relacionados política e socialmente. Os que visitámos ocasionalmente olharam-nos como aves de rapina que agora, passada a tempestade, vêm aí ver se descobrem a bonança. É que eu, muitas vezes, tive a sensação de que este grupo foi visto por muitos como uma comitiva de prospecção para o regresso.

Trago também a convicção de que se anseia pela recuperação do país e que se está a trabalhar nesse sentido, embora tenha sentido também alguma instabilidade no que toca ao seu futuro político.

Gostei muito destas férias. Voltava a fazê-las, sem dúvida nenhuma e muito tenho a agradecer a quem a organizou, tanto lá como cá, muito particularmente ao Faisca - o eficiente tocador da sineta que, volta não volta, delegava em mim essa função - ao António Graça, ao Ângelo Mangas, ao Nada e ao Roso, para só citar alguns, entre os muitos que contribuíram para este "lavar a alma".

## Nelson e Filó Nóbrega

Em vez de uma narrativa optámos por seleccionar e transcrever factos soltos ou frases ouvidas, no universo dos contactos e vivência desta breve digressão por Angola. Situações simples, perspicazes, que identificam acontecimentos, perspectivas, sentimentos com que é possível fundamentar a nossa análise e formular opinião e visão sobre as realidades com que nos deparámos. Mas sempre limitadas pelo tempo que se usufruiu na dimensão dos factos vividos.

Assim, ficaram na mente:

A caminho da Barra do Quanza: "Tenho este capim no Brasil, na minha fazenda. É um bom pasto para o gado; levámo-lo daqui". Pensamento: para além dos seus filhos, o que Angola semeou por este mundo fora. Até capim!

Os Mangais: simplesmente o futuro a brotar da natureza.

"Deixei Sá da Bandeira em 1975 e regressei ao Lubango em 2003". Eis a diferença.

"Com os centros urbanos degradados, é na natureza que nos revemos. Mantém-se igual a si própria, imponente

e fascinante. Enche-nos a alma, alimenta-nos o espírito". É a nossa terra de sempre, alheia à destruição do Homem.

Namibe está igual a Moçâmedes. Ai o tempo parou e os efeitos da turbulência e as marcas da velhice foram protegidas e conservadas pelo deserto.

Leba. Que maravilha. No sopé, lá está a velha ponte rodeada das velhas mangueiras. Esperaram por nós exactamente 30 anos. Tal como em 1973, na nossa lua de mel, voltámos a tirar uma fotografia no mesmo local em 2003. O sentimento foi igual. E com nostalgia, os 30 anos pareceram ONTEM.

"A logística que apoiou esta viagem só é possível entender-se no contexto e numa lógica angolana: solidariedade de colegas e amigos para que tudo funcionasse. E funcionou.

"Em termos de organização cada dia é uma surpresa; alteram-se programas e, com base no desenrascanço, cumpriram-se os objectivos". Estamos em África.

## OPINIÃO DOS PARTICIPANTES

Tchivinguiro. Como é possível? Uma Escola agrícola magnífica, sem produção e sem funcionar. Angola começa ali, no sector primário, na nossa Escola.

Os técnicos de formação agro-pecuária, sem agricultura de relevo e com os campos abandonados, nas últimas décadas, devido à guerra civil, a maioria adaptou-se a outras actividades – empresários, políticos, militares. Várias gerações perdidas para a agricultura do País.

“Não queremos saudosistas”. Foi uma referência que registámos mas, por ser triste, resta-nos apagar das nossas memórias e, com alma angolana, afirmarmos que não nos importamos de manter as saudades e vivermos delas.

“Foi ali, naquele apartamento, que nasceu o nosso filho”. Com um mês deixou Angola, provavelmente o último angolano de famílias centenárias que, por ironia do destino e da vontade dos homens, viverá sob outra bandeira do outro lado do seu mundo natural.

Mais uma vez... somos obrigados a deixar a nossa terra – Lubango – à pressa. O avião apareceu 3 horas mais cedo que o previsto. Fomos avisados, por acaso, no centro da cidade. O almoço ficou na mesa mas, desta vez, foi tudo quanto se perdeu.

Luanda, esplanada de Vila Araújo. Bebia-se um “fino”, o gerente aproximou-se e a conversa desenrolou-se:

- Sou de uma das famílias mais antigas de Salazar (Dalatando).

- Ai é? - respondi. - Pois eu estive a estudar dois anos lá.

- Aonde? E quando? - perguntou.

- No Santa Maria Goretti e Colégio Salazar.

- Eu também. Como te chamas?

- Rocha

Que grande abraço, trinta e oito anos passados.

Sequele, Bengo - projecto agro-pecuário. Um bom investimento global quanto necessário e que peca no cumprimento das mais elementares regras técnicas de sanidade avícola. Um alerta para o futuro.

Menino da rua, Luanda: “Me dá 10 kwanzas. Não dá? Ainda um dia te vou mandar para a tua terra. Vais roubar para longe. Por tua causa é que somos pobres”. Dá para entender o que lhes vai na alma; e está para durar, infelizmente.

Nunca em dez dias vivemos sentimentos tão fortes, baseados num passado tão profundo. Voltámos a casa, sentimos as nossas raízes, o cheiro da nossa terra, o fumo das cubatas. Até o chichi no mato, com as estrelas a brilhar, soube bem.

Ficou tudo em aberto e ainda não foi desta vez que fechámos o dossier, se é que alguma vez se fechará. Até sempre. Amamos-te, Angola. Obrigado pelo tempo que nos le-gaste.

O nosso agradecimento também a todos quantos nos proporcionaram esta viagem.

---

### Carranca Lemos Moreira

Vou a Angola, vou voltar a ver aqueles inesquecíveis pores-do-sol, aquele cheiro a terra depois de uns pingos de chuva, aquele ameno clima e colegas que comungam a mesma tese, a terra onde se cultiva a amizade e não o ódio.

É com ansiedade que aguardo o dia da partida e muito mais quando pousar os pés na terra que me viu nascer e que por motivos que me procuro alhear, pelo menos nestes momentos, a força que me fez a mim e a estes milhares deixar aquelas saudosas terras.

Tudo o que se possa dizer ou relatar num breve texto é insuficiente. Todo o esforço despendido pelos impulsionadores da viagem, como pela recepção e demais actos que se seguiram já em solo angolano. À primeira vista, voltar ao Tchivinguiro ávidos de rever não só a terra como tudo o que rodeia, incluindo os já velhos funcionários comovidos pelo reencontro, edifícios, salas de estudo, dormitórios, corredores sem fim guardam para sempre

histórias inesquecíveis. Todos os cantos daquele local trazem lembranças que serão sempre recordadas com uma saudade imensa.

Nesta breve escrita cheia de saudade, não quero deixar de referir, e penso exprimir o sentimento de quantos compunham a comitiva, a grande alegria de abraçar antigos colegas que, contra tudo, ali permaneceram, bem como o ministro da Agricultura, Gilberto Lutukuta, ex-colega, e o ministro do Interior, Serra Van-Dúnem, pela forma como colaboraram na orgânica ao pormenor da nossa estadia em Angola, não esquecendo o Faisca, o grande mentor da viagem, da permanência e ainda a forma como a organizou para que os dias que ali passámos fossem para nós não dias mas minutos porque recordar tempos de escola, do clima, das amizades criadas, foram determinantes.

Toda a organização primou para que nada falhasse no atendimento a um grupo tão numeroso.

## OPINIÃO DOS PARTICIPANTES

Quero ainda saudar todos aqueles que não abandonaram as estruturas governamentais como nas privadas. Quero também afirmar que aquela escola formou técnicos com garantia tanto lá como nos países onde se radicaram.

Para finalizar um sincero e amigo abraço a todos os que promoveram a viagem, estadia e as recordações que ficarão para sempre gravadas nas nossas mentes.

Ao alto, ao alto!

### Gilberto Nunes

Agradeço a oportunidade proporcionada por esta visita para rever Angola, ao fim de 28 anos. Como único tchivinguista proveniente da África do Sul, gostaria de enaltecer o prazer que senti e as emoções vividas entre amigos e colegas.

O que mais me impressionou, nos últimos dias em terras angolanas, foi poder confirmar que, apesar de todos os problemas, a maior riqueza do povo Angolano, não são os diamantes nem o petróleo mas o enorme calor humano que continua a existir ao fim de tantos anos e que em mais parte alguma por onde passei consegui viver.

Outro aspecto de relevo foi o meu filho - já nascido na África do Sul e ciente do que se estava a passar - me ter feito a seguinte pergunta que me deixou sem resposta:

- Pai, como é que tanto tempo depois de todos os teus colegas dessa escola se terem separado, terem ido para tão longe, sem contactos ou mesmo sem alguns se conhecerem, conseguem manter um alto nível de união e camaradagem?

Termino pondo-me à disposição para partilhar os meus conhecimentos com os jovens de hoje e os futuros chefes desta nação angolana.

### Baptista "Chumbo"

Ah! Angola... Como gostei de te voltar a ver! Como foi bom poder pisar em teu solo! Como foi bom poder rever colegas e amigos que há tantos anos não via! Foi muito boa essa viagem, pena que durou pouco! Quem sabe a gente volte a se encontrar naquela que, até hoje, chamo de minha terra!

Bom, a minha opinião sobre o que me apercebi de Angola:

Um país com um potencial que, como já sabia e agora confirmei com mais convicção, sem dúvida poderá vir a ser uma potência agropecuária. Não digo isto por demagogia, mas porque moro num país, o grande Brasil, que tem condições climáticas e de solos idênticos e que sem dúvida já é uma potência agropecuária que incomoda países que sempre monopolizaram o comércio de produtos agropecuários. No entanto, para Angola chegar nesse ponto, tem um árduo caminho a percorrer que começa pelo investimento na educação e, portanto, formação de técnicos que possam dar apoio àqueles que se dedicarem à atividade agropecuária. Os governantes teriam que de imediato darem atenção a esse ponto, começando por dar todas as condições

para que o Tchivinguero funcione a pleno vapor! Fazer acordos de cooperação com o governo Brasileiro e não só, com empresários agropecuários em que, os estudantes do Tchivinguero pudessem vir para o Brasil adquirir o conhecimento de técnicas agropecuárias que, com ligeiras alterações, se adaptariam muito bem às condições privilegiadas de Angola. Eu, particularmente, ofereci os meus préstimos nesse sentido, para o ministro Van Dúnen, quando do nosso encontro em Luanda. Angola, agora, precisa de comida e condições para produzi-la, não lhe faltam! O Governo terá que dar incentivos para que as pessoas voltem para o interior e se dediquem à agropecuária, produzindo alimentos para consumo interno e mais na frente, exportar!

Pretendo voltar com mais tempo, para poder avaliar com mais detalhes todo esse potencial de que não me apercebi, quando lá vivi, porque era muito jovem e sem experiência!

Espero ter ajudado de algum modo nesse teu empreendimento e faço questão de receber um exemplar!

Um abraço do Colega e amigo

### Rui Rodrigues "Camacho"

Grande foi a emoção de rever a Escola e os colegas, após tantos anos. Com alegria constatei as ótimas instalações e equipamento que a Escola actualmente possui, antevendo um radiante futuro na formação dos técnicos de que o país carece. A aposta certamente se centrará, agora, nos formadores capazes de acreditar em tal objectivo.

Nascido e com infância vivida no Lubango, a felicidade de rever amigos da juventude só foi comparável à agradável sensação dos lugares, cheiros e sabores do antigamente.

Mau grado a difícil situação vivida em Angola nos últimos anos, a cidade foi poupada à violência que, infelizmente, se terá verificado noutras localidades do país. Deu para perceber a hospitalidade das pessoas, a alegria e a vontade de progredir, levando Angola para a frente.

Aqui deixo o meu reconhecido agradecimento aos maconginos Edgar Macedo e Rui Mário pelo entusiasmo e boa vontade com que me receberam, levando-me aos lugares que desejei rever.

Grande foi a emoção.



# EH, MALTA! QUEM SOMOS NÓS?\*

Rui Galhanas

**A** proposta foi lançada em meados de 2002, durante o almoço em Lisboa que assinalou o Dia do Regente Agrícola: porque não aproveitar a instauração da paz em Angola para comemorar o 10 de Junho seguinte na província da Huíla, mais precisamente nas instalações da saudosa Escola de Regentes Agrícolas do Tchivinguiro?

Este encontro, organizado anualmente pela Associação dos Amigos do Tchivinguiro - Charrua, tinha duas particularidades excepcionais: a celebração do 50º aniversário da formação do seu primeiro aluno e, pela primeira vez, a presença do embaixador de Angola em Portugal como convidado de honra.

Convém abrir um parêntesis para caracterizar, em quatro pontos, este universo composto por cerca de 1200 elementos:

*Primeiro.* A escola que ainda mantém o nome do seu fundador, Dr. Francisco Machado, foi reformulada em 1952 para responder à crescente necessidade de quadros com maior formação prática na área agro-pecuária. Construída numa zona de eleição, em 1939, beneficia de três tipos de clima - temperado, subtropical e tropical - ao longo dos seus 8 mil hectares de extensão. Naqueles tempos, os 45 km até ao Lubango, capital da Huíla, representavam uma viagem atribulada de 2 horas a bordo do *Titanic*, o velho autocarro escolar. O regime de internato e o inevitável confronto e cumplicidade entre os alunos dos primeiros anos e os do 4º e 5º, transformavam o Tchivinguiro numa verdadeira escola da vida. Entrava-se púbere, saía-se adulto e com excelente formação técnica e profissional. Pelo meio aconteciam as histórias mais incríveis, algumas lendárias, ironizando ou gabando o sucesso dos pinga-amores, as cenas de pancadaria com os eternos rivais do Liceu, os corvos, e alguns exageros étlicos. Depois deste curso, a temível recruta militar era uma brincadeira de crianças.

*Segundo.* Num ambiente tão vincadamente rural, mas enriquecido com muito cavalheirismo urbano, foi com surpresa que encontrei o maior desperdício de talentos artísticos. A capacidade criativa de muitos alunos parecia só despertar no final de cada ano escolar, como por artes mágicas, quando se aproximavam as festas escolares. Despontavam então os pintores dos enormes painéis a óleo - vivamente disputados pelos ilustres convidados no final do Baile de Gala - que respeitavam o tema anual, escolhido por exigentes decoradores, para engalanar o amplo salão do refeitório; procuravam-se os exímios caricaturistas e os inspirados poetas para a elaboração do livro de fim de curso; apresentavam-se publicamente bandas musicais que reproduziam fielmente os sucessos da época, do romantismo latino-americano

ao nascente *ié-ié*; organizava-se a garraizada com toureiros arrebatados e destemidos grupos de forcados... A escola fervilhava numa onda de dinamismo criativo. Inesquecível. Em plena época de exames.

*Terceiro.* A Associação dos Amigos do Tchivinguiro – Charrua, constituída em Portugal, em 1976, é caracterizada por uma abrangência heterogénea e bastante curiosa. Se bem que seja fundamentalmente composta por antigos alunos, incluindo os que se encontram espalhados pelas sete partidas do mundo, conta também com antigos professores e funcionários e com todos aqueles que, pelas mais diversas razões sentimentais ou profissionais, se sentem ligados a este espírito de camaradagem tão enraizado como peculiar. Nesta amálgama de filiados, para além dos engenheiros técnicos agrários – actual reclassificação dos regentes agrícolas – encontra-se um número considerável de engenheiros agrónomos e silvicultores, veterinários, médicos, economistas ou advogados, entre outros níveis académicos e outras actividades empresariais, muitos dos quais são antigos alunos que prosseguiram os seus estudos ou que redefiniram os seus objectivos profissionais.

*Quarto.* Voltar a Angola, ainda que numa simples viagem turística, é um desejo comum. O cordão umbilical permanece intacto. As razões individuais para o adiamento constante têm sido muitas e diversas, desde os entraves familiares e profissionais à instabilidade que o país vinha atravessando. Agora havia uma decisão colectiva, enriquecida com a intenção de se transmitir, gratuitamente, o *know-how* que cada um adquiriu ao longo da sua carreira profissional.

Foi perante esta assistência expectante que o diplomata angolano, Osvaldo Serra Van Dunem, acolheu com agrado a ideia do *Reencontro no Tchivinguiro*. Prometeu de imediato todo o apoio possível e aceitou a responsabilidade da presidência honorária da iniciativa. Estava longe de imaginar que, seis meses mais tarde, seria chamado a Luanda para desempenhar as funções de ministro do Interior. No entanto, não só manteve os compromissos assumidos como os cumpriu de forma inexecedível.

Por diversos imprevistos a comitiva acabou por ficar reduzida a cerca de trinta participantes, alguns vindos expressamente do Brasil e da África do Sul. Chegados a Luanda, a recepção organizada pelos colegas foi ruidosa e efusiva. Muitos não se viam desde o fim do curso. Alguns, agora, até já têm netos. Ali mesmo renasceu o ambiente dos velhos tempos do Tchivinguiro, todo o mundo parecia ter regressado à adolescência. No passeio pela capital as máquinas fotográficas e de filmagem entraram em acção para não mais pararem até à hora do regresso a Portugal.

Ao fim dessa tarde o grupo aterrava no Lubango e começava, realmente, a aventura. O programa para a manhã seguinte estava preenchido com uma visita à Fazenda Achor, muitos quilómetros para além da Chibia, onde se assinalava o Dia do Criador. Festa animada e muito concorrida onde também se encontravam altos responsáveis do Governo e da vida económica angolana. Pela primeira vez o grupo lançou o seu famoso grito escolar de agradecimento. Às oito da noite, um grupo decidiu arrancar para a Cahama, a seis horas de viagem. O resto regressou à capital da Huila. Foi a partir daqui que, para desespero da organização, a comitiva se dividiu em iniciativas individuais. Aliás, quem iria conseguir conter tanta ansiedade, tanta fome de ver? Havia parceiros que já não dormiam há dois dias e esse seria o terceiro. Os dias seguintes dividiram-se em passeios. Primeiro pelas ruas da cidade, a transbordar de memórias, pelo Cristo Rei e pela magnífica fenda da Tundavala; depois, a caminho dos mariscos do Namibe, pela sempre deslumbrante Serra da Leba e sua impecável estrada serpenteante, pela Estação do Caracul e pelo deserto.

Finalmente, ao 5º dia, a tão esperada visita à Escola do Tchivinguiro. Era 10 de Junho, o Dia do Regente Agrícola. A estrada asfaltada baralhou-me a noção do

tempo. De repente, quase estranhamente, ali estava a Escola com toda a sua imponência serena. Se estava previsto algum acto oficial, ninguém reparou. Conforme iam chegando, os visitantes desapareciam rumo aos locais que mais os atraíam – para a vacaria e pomares, para a lagoa, para o pavilhão de aulas, para o interior do próprio internato, para a igreja, para as casas dos professores e dos funcionários. As recordações despertavam em catadupa vertiginosa, a cada passo. Todos queriam confirmar o passado e registar o presente.

Os edifícios do complexo escolar mantêm a traça exterior, tão característica, em excelente estado de conservação. Há novas habitações para professores e funcionários, algumas arborizações e jardinagens mas, no geral, a imagem parou no tempo. Se o pavilhão de aulas se mantém igual, ainda que actualizado com uma sala de computadores e novos equipamentos nos laboratórios, a casa-mãe, o internato, foi profundamente remodelado. Desapareceram as camaratas, a enorme casa de banho do 2º andar e, infelizmente, o carismático salão do refeitório, em favor de quartos com várias dimensões. Apresentam-se funcionais, recheados com mobiliário de madeira, incluindo o cacifo, a cama, as mesas-de-cabeceira com candeeiro, as secretárias e cadeiras. A sala de estudo, no *hall* de entrada, é agora o refeitório. O ano lectivo ainda não tinha começado, mas as referências às dificuldades com a alimentação despertaram a curiosidade geral. A escola, que sempre foi auto-suficiente, contando inclusive com a participação das aulas práticas dadas aos alunos, depende agora de uma empresa de catering. Estranho, sem dúvida.

O almoço de confraternização, fornecido por um restaurante do Lubango, teve lugar nas margens da bela lagoa e foi um sucesso. Muitos colegas e convidados deslocaram-se propositadamente à escola, vindos de várias partes de Angola, assim como alguns governantes, entre os quais o actual ministro da Agricultura, o antigo aluno Gilberto Lutukuta. Para dar cor à tradição realizou-se o baptismo de três elementos da comitiva que nunca tinham estado em Angola. Segundo a praxe foram promovidos a “bichos” e tiveram direito a alcunha e ao respectivo padrinho. Na hora da despedida tudo isto ficou a saber a pouco. Tão pouco como a extensão deste texto. Daí a promessa de nova e melhor excursão para o próximo ano.

Ao alto, ao alto – Charrua!

*\* Artigo publicado na revista Austral, distribuída a bordo dos aviões da Taag.*

